



**CURSO DE ENFERMAGEM**

**ROSILENE PIREZ**

**VIOLÊNCIA PRATICADA CONTRA OS PROFISSIONAIS DE  
ENFERMAGEM NAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE**

**Sinop - MT  
2023**

**CURSO DE ENFERMAGEM**

**ROSILENE PIREZ**

**VIOLÊNCIA PRATICADA CONTRA OS PROFISSIONAIS DE  
ENFERMAGEM NAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Enfermagem, da UNIFASIPE - Centro Universitário, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof. Mestre Bruno Jonas Rauber

**Sinop - MT  
2023**

**ROSILENE PIREZ**

**VIOLÊNCIA PRATICADA CONTRA OS PROFISSIONAIS DE  
ENFERMAGEM NAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Enfermagem - UNIFASIPE, Centro Universitário FASIPE como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em 26 de junho de 2023.

---

Bruno Jonas Rauber  
Professor orientador  
Departamento de Enfermagem - UNIFASIPE

---

Izamara Barboza de Souza  
Professora avaliadora  
Departamento de Enfermagem-UNIFASIPE

---

Pâmela Juara Mendes de Oliveira  
Professora avaliadora  
Departamento de Enfermagem - UNIFASIPE

---

Bruno Jonas Rauber  
Coordenador do Curso de Enfermagem  
UNIFASIPE

**Sinop - MT  
2023**

## **DEDICATÓRIA**

As minhas filhas Wendy e Maju, e em memória do meu tio Clóvis que infelizmente nos deixou no início da minha caminhada, porém, seus olhos me diziam o tamanho do orgulho o qual ele sentia por mim.

## AGRADECIMENTOS

- Acima de tudo a Deus, porque se não fosse por meio dele, não teria chegado até aqui.
- Aos meus pais, que me ajudaram a dar os primeiros passos na vida, especialmente à minha mãe que sempre me incentivou a estudar mais e mais.
- As minhas filhas Wendy e Maju, que tiveram que conviver com a minha ausência enquanto eu cursava a faculdade. Foi por elas que tomei a iniciativa de buscar esse sonho, pois são minha base para tudo que faço e o motivo para jamais desistir. Obrigada por serem minha inspiração e força para seguir em frente.
- Aos meus sobrinhos e minhas irmãs Josiane, Tayna por estarem sempre presentes e por me ajudarem. Vocês são uma fonte constante de amor e inspiração para mim.
- A minha irmã Juliane por ter ficado tanto tempo ao meu lado, e nos momentos oportunos me feito sair e dar uma pausa;
- Em especial minha profunda gratidão à minha irmã Rosiane, que passou inúmeras madrugadas me ajudando a corrigir cada detalhe desta monografia. Sua dedicação e atenção foram fundamentais para que tudo ficasse perfeito. Ela me questionou em todos os aspectos, me incentivando a sempre buscar o melhor.
- Ao meu companheiro de jornada Lindomar, por ter me ajudado até aqui;
- Ao professor orientador, que me orientou de forma objetiva para obter êxito neste trabalho e por não me deixar desanimar, mesmo quando eu questionava minha capacidade de concluir esse trabalho.
- Aos demais professores, do curso de graduação, que transmitiram seus conhecimentos e muito contribuiu para minha formação.
- As minhas fiéis escudeiras Hevillin e Ana Helena, que pacientemente não me abandonaram nem mesmo em minha ausência.

## **EPIGRAFE**

“Refletindo em “Soi-même comme un autre”, ou seja, a fenomenologia do eu afetado pelo outro, é possível enxergar uma vulnerabilidade compartilhada, pois a exposição ao sofrimento do outro também causa feridas. O sofrimento de quem recebe o cuidado é fruto de muitos debates, entretanto fica esquecido a vulnerabilidade daquele que cuida. A vulnerabilidade revela-se também como sensibilidade, pois o sujeito que cuida é afetado primeiramente pela própria existência do outro”.

Paul Ricoeur

## RESUMO

A violência é prejudicial ao bem-estar, segurança e saúde dos trabalhadores de enfermagem e em especial da população. Apesar dos importantes serviços que a enfermagem presta para a saúde, o que deveria ser somente um ambiente de trabalho calmo e seguro é marcado pela agressão e dificulta o desenvolvimento tanto dos serviços prestados quanto do profissional. Desta forma, é fundamental implementar ações que consigam proteger estes profissionais e assegurar a implantação de medidas preventivas para que esse problema seja abordado de forma efetiva (AMORIM et al. 2021). A fim de erradicar ou minimizar a violência gerada a partir da atuação do profissional de enfermagem, podemos adotar mecanismos promissores como a educação continuada, treinamentos específicos visando engajar a equipe em práticas dirigidas à promoção do cuidado humanizado com questões éticas, uso do arsenal educacional para inculcar valores morais de serviços bons de saúde, desenvolvimento de mecanismos de defesa para trabalhadores de enfermagem, restrição de respostas punitivas a profissionais vítimas de violência, entre outros. A Enfermagem é vulnerável à violência gerada não só pelos pacientes, mas também pelos familiares, colegas e gerentes. Como forma de combater a violência presente no local, é importante desenvolver ações, visando educação continuada quanto ao uso de protocolos e condutas preestabelecidas para o cuidado à saúde. As fontes de estudo abrangeram publicações acadêmicas enquadradas na área da saúde, bancos de dados online serviram como recurso adicional. Filtragem dos artigos utilizados para determinar a qualidade científica das publicações, se aplicaram os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos 10 anos; estudos realizados em hospitais, prontos-socorros e UPAs; estudos direcionados para violência contra o profissional de enfermagem. Os artigos científicos demonstrados têm semelhanças substanciais entre si nos desenvolvimentos deles, apontando para direções comuns nos estudos, os conjuntos de resultados, retratando as práticas de segurança com estas tratativas. Os instrumentos utilizados na seleção de dados e na análise do conteúdo das publicações foram de busca entre os bancos de dados relacionados a publicações na área de saúde humana. Por fim, aspectos éticos devem ser vistos de uma mesma feita, patrocinando programas de integração dos membros de trabalho que prevejam condições menos estressantes para o contexto da assistência à saúde.

**Palavras chave:** Enfermagem, profissionais de saúde, violência.

## **ABSTRACT**

Violence is harmful to the well-being, safety, and health of nursing workers and especially the population. Despite the important services that nursing provides for health, what should only be a calm and safe work environment is marked by aggression and hinders the development of both the services provided and the professional. Thus, it is essential to implement actions that can protect these professionals and ensure the implementation of preventive measures so that this problem is effectively addressed (AMORIM et al. 2021). In order to eradicate or minimize violence generated from the performance of nursing professionals, we can adopt promising mechanisms such as continuing education, specific training aimed at engaging the team in practices aimed at promoting humanized care with ethical issues, use of educational arsenal to instill moral values of good health services, development of defense mechanisms for nursing workers, restriction of punitive responses to professionals who are victims of violence, among others. Nursing is vulnerable to violence generated not only by patients but also by family members, colleagues and managers. As a way to combat violence present in the workplace, it is important to develop actions aimed at continuing education regarding the use of pre-established protocols and conduct for health care. Writings on the subject. The sources of study included academic publications in the health area, online databases served as an additional resource. Filtering of articles used to determine the scientific quality of publications applied the following inclusion criteria: articles published in the last 10 years; studies carried out in hospitals, emergency rooms and UPAs; studies aimed at violence against nursing professionals. The scientific articles shown have substantial similarities among themselves in their developments, pointing to common directions in studies sets of results, portraying safety practices with these treatments. The instruments used in data selection and content analysis of publications were searched among databases related to publications in the human health area. Finally, ethical aspects must be seen at once sponsoring work member integration programs that provide less stressful conditions for the context of health care.

**Keywords:** Nursing, health professionals, violence.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1. Justificativa .....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Problematização .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Objetivos.....</b>	<b>12</b>
1.3.1 Geral .....	12
1.3.2 Específicos.....	12
<b>1.4 Metodologia.....</b>	<b>12</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Violência.....	14
2.2 Violência Laboral .....	15
2.3 Violência aplicada aos serviços de saúde.....	16
2.4 Violência de gênero na enfermagem .....	19
<b>3. VIOLÊNCIA EM DIFERENTES AMBIENTES DA ENFERMAGEM .....</b>	<b>21</b>
3.1 Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) .....	21
3.1.1 Enfermagem na classificação de risco.....	22
3.1.2 Enfermagem em psiquiatria.....	22
<b>3.2 A variedade e motivos relacionados à violência entre a equipe de enfermagem .....</b>	<b>23</b>

<b>3.3. A insegurança e fragilidade da enfermagem frente às notificações em caso de violência .....</b>	<b>26</b>
<b>3.4 Os agressores.....</b>	<b>29</b>
<b>3.5 Adoecimentos da enfermagem.....</b>	<b>30</b>
3.5.1 A depressão em profissionais de enfermagem .....	31
3..5.2 Vulnerabilidades dos enfermeiros à síndrome de Burnout.....	32
<b>3.6 A batalha histórica da enfermagem .....</b>	<b>33</b>
<b>3.7 Como combater a violência contra profissionais de enfermagem?.....</b>	<b>36</b>
<b>3.8 Em busca de valorização.....</b>	<b>38</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A enfermagem é a classe de profissionais presente em todas as etapas da assistência à saúde, seja pública ou privada, e que simboliza o maior número de trabalhadores da saúde no país. A representação da enfermagem é pautada pelo conhecimento técnico, protocolos e condutas precocemente estabelecidas que devem ser respeitadas para o bem-estar, segurança e cuidado tanto para a população quanto para a classe (COREN -SP, 2021).

A violência é vista em uma circunstância global como uma das mais importantes e graves questões sociais, como fenômeno figurado por relações, ações, omissões e descuido de pessoas ou grupos envolvendo o uso intencional da violência ou do poder como forma de chantagem, ocasionando prejuízos à autoestima, relações sociais e identidade da vítima. A violência é uma questão complexa que atinge todos os trabalhadores, o que não é diferente com os profissionais de enfermagem (OLIVEIRA, 2018).

Os profissionais de enfermagem estão diariamente expostos a diversos estressores e condições de violência, pois seu trabalho extrapola os limites entre espaço e tempo da assistência. Violência vinda de usuários, familiares, colegas, gerentes ou mesmo em deslocamentos para o trabalho, abuso, ameaças ou agressões cometidas em ambientes de trabalho que representam uma ameaça à sua segurança, bem-estar ou saúde. Inúmeras são as agressões físicas e verbais a que os profissionais de enfermagem são submetidos ao longo dos anos. A maioria delas é provocada por pacientes, familiares ou cuidadores. Os agressores não hesitam devido a maioria dos profissionais serem mulheres, ocorrendo até mesmo agressão às enfermeiras gestantes (SILVA et al. 2015; GALVÃO, 2017).

O fenômeno da violência assume dimensões ainda maiores quando levado em conta seus potenciais resultados em longo prazo, pois a exposição direta ou indireta à violência no trabalho pode resultar em prejuízos psicológicos, comprometendo a eficiência e a qualidade do trabalho executado, fragilizando os vínculos com usuários e colegas, o significado do trabalho,

depressão, sofrimento e adoecimento dos funcionários. A quantidade de profissionais da saúde vítimas de violência é significativa, e isso gera impacto na vida da população, conseqüentemente, no setor trabalhista. É uma ameaça à integridade humanitária, pois põe em risco a vida, prejudica a saúde e causa doenças (AMORIM et al. 2021).

### **1.1. Justificativa**

Na maioria dos casos da violência, o enfermeiro está tão envolvido no processo de cuidar que não percebe um círculo vicioso, ou seja, ao vivenciar um ato de violência, ele retalia o usuário, sem perceber sua postura. Nesse cenário, o trabalhador pode iniciar um processo patológico que apresenta os primeiros indícios de alerta como desalento, frustração, insegurança e pânico, que se transformam em agonia, por vezes evoluindo para afastamento ou abandono do trabalho (SERAFIM, 2012).

A violência no trabalho da enfermagem vem sendo apresentada na literatura, o que dá destaque a relevância do tema a ser tratado neste estudo como um problema que precisa ser comentado pois, além de comum, tem conseqüências diretas nos aspectos assistenciais, disposição, satisfação, ânimo, tranquilidade, conforto, contentamento e segurança desses profissionais (MARQUES; SILVA, 2017).

O número de profissionais agredidos anualmente é de grande impacto, sendo reflexo da falta de segurança e providências das autoridades. Investir em monitoramento, medidas preventivas e reforço às equipes para garantir o atendimento à população tem sido uma boa proposta inicial para acalmar os fatos, embora o número de violências praticadas contra profissionais de enfermagem seja alto, as queixas ainda são baixas, pois estes profissionais temem ser condenados ou demitidos (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2012).

Aumenta-se o interesse por este assunto pois ainda há muitas dúvidas e incertezas sobre as especificidades das situações de violência no trabalho. Em vários setores, há um pacto informal de silêncio, que se dá pelo medo de que os membros da equipe necessitam reconhecer as vítimas de violência e apoiá-las, com o argumento de conservar seu posto de trabalho (BAPTISTA; FREITAS; HAGOPIAN, 2017).

Acredita-se que a relevância dessa pesquisa não está apenas em possibilitar aos profissionais de enfermagem o acesso a conhecimentos relacionados aos seus direitos, como também contribuir para o despertar de uma atitude de enfrentamento e de comprometimento social que os leve a exigir das autoridades responsáveis, tomadas de decisões diante do exposto. Se faz necessário falar de uma maneira criteriosa sobre esse assunto, para que se crie programas

de apoio aos profissionais que vivenciam esses episódios, dando a eles segurança no ambiente laboral, para que possam exercer sua função com maior tranquilidade (LUCENA et al. 2018).

## **1.2 Problematização**

O comportamento violento está aumentando gradativamente e de maneira silenciosa na jornada de trabalho dos enfermeiros em geral, afetando a saúde dos trabalhadores. Dessa forma, observa-se a necessidade de um conhecimento aprofundado na gravidade desses atos na rotina da enfermagem, pois os mesmos podem ocasionar uma série de consequências tanto aos profissionais, quanto às instituições e usuários, além da chance de trazer prejuízos permanentes aos profissionais (SILVA; AQUINO; PINTO, 2014).

A quantidade de profissionais da saúde vítimas de violência é significativa, e isso gera impacto na vida da população, conseqüentemente, no setor trabalhista. É uma ameaça à integridade humanitária, pois põe em risco a vida, prejudica a saúde e causa doenças. A violência contra os profissionais de enfermagem, vai além das agressões e ofensas, trazendo riscos a qualidade do atendimento e a eficácia no trabalho prestado dentro do estabelecimento de saúde (AMORIM et al. 2021).

A violência contra os profissionais de enfermagem no ambiente de trabalho é considerada um flagelo global de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS). Apaziguar essas ações durante a jornada de trabalho é realidade para muitos profissionais, que passam a desenvolver suas atividades em meio a condições desfavoráveis e desagradáveis. Entre os tipos de violência trabalhistas mais comuns, estão a agressão verbal, assédio moral, violência física, assédio sexual e discriminação racial (SOUSA et al. 2021).

Em relação à ocorrência de várias formas de violência no ambiente de trabalho, sabe-se que as empresas devem proporcionar uma atmosfera de trabalho protetor, principalmente as instituições de saúde que trabalham tratando de vidas. Observa-se, no entanto, que muitas vezes, isso não ocorre, pois, tais locais não estão isentos da existência da violência e a maioria das instituições não oferecem planos de prevenção a esses problemas (LIMA; SOUSA, 2015).

Constata-se no assédio, a repetição do ato que viola intencionalmente os direitos do outro, atinge a sua integridade biológica e causa transtornos à saúde psíquica e física do assediado, que podem progredir para inaptidão trabalhista, exoneração ou mesmo a morte, criando um risco, muitas vezes, despercebido, porém, existente, associado às circunstâncias de trabalho (HAGOPIAN; FREITAS, 2019).

A violência laboral vem aumentando radicalmente e não é um problema somente da enfermagem, é uma realidade mundial que acontece tanto em países avançados como em países em evolução, além das várias profissões e grupos ocupacionais (BAPTISTA, 2017).

As consequências da violência na vida e carreira dos profissionais de enfermagem ainda é pouco discutida, podendo portanto passar ilesa, assim sendo, faz-se necessária uma ponderação acertada para cada circunstância; o assédio moral é a imagem do regime organizacional do ambiente de trabalho, podendo causar danos irreparáveis a autoestima das vítimas e a convivência em um ambiente de tirania, amedrontando e gerando diversos problemas que podem levar ao descontentamento no trabalho (SOUZA et al. 2021).

Diante do exposto o presente estudo pretende responder a seguinte questão: Quais situações de violência são mais comuns em profissionais de enfermagem em seu ambiente de trabalho?

### **1.3 Objetivos**

#### **1.3.1 Geral**

Analisar nas publicações científicas situações de violência sofridas por profissionais de enfermagem nas instituições de saúde.

#### **1.3.2 Específicos**

- Identificar os motivos que levam as práticas de violência contra os profissionais de enfermagem;
- Levantar o desfecho dos casos de violência no trabalho sofridos por profissionais de enfermagem;
- Descrever o impacto da violência/ assédio na saúde dos profissionais de enfermagem.

### **1.4 Metodologia**

Este estudo trata-se de uma revisão de literatura com caráter de base, que é o processo de buscar, analisar e descrever o conhecimento para encontrar respostas para questões específicas. "Literatura" abrange todo o material relacionado redigido sobre um determinado assunto: livros, artigos de revistas, artigos de jornais, registros históricos, relatos governamentais, dissertações, teses e outros gêneros (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2015).

Uma revisão de literatura pode ajudar: limitando as questões de pesquisa, ajudando os pesquisadores a buscar novas rotas de pesquisa para a questão que estão investigando e evitam caminhos improdutivos, ou seja, por meio de revisões de literatura que os pesquisadores podem investigar trajetos nunca trilhados, identificando pesquisas que já foram feitas antes, mudando para uma abordagem diferente (BRIZOLA; FANTIN, 2017).

O estudo analisa bases de dados científicas na literatura médica. *Medical Literature, Analysis And Retrieval System Online (MedLine)*; *Literatura Latino-Americana em Ciências de Saúde (LILACS)*, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e repositórios. Artigos científicos publicados nos últimos 10 anos.

Os critérios para seleção foram determinados com suporte no objetivo que norteou a revisão. Nesta investigação, foram classificados estudos com método bibliográfico, que descrevam a temática da violência contra os profissionais de enfermagem; artigos à disposição online e com acesso gratuito ao material completo, artigos em língua estrangeira foram utilizados apenas os que estavam traduzidos; as principais categorias de artigos analisados foram o histórico da violência no Brasil, tipos de violência contra trabalhadores de enfermagem, conduta do acometedor e causas que levaram aos fatos.

Foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2022, voltada pela questão “Quais as situações de violência são mais sofridas pelos profissionais de enfermagem em seu ambiente de trabalho?”

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Violência contra profissionais de enfermagem no ambiente de trabalho é um problema grave que afeta a saúde física e mental dos trabalhadores, bem como sua produtividade e qualidade de vida. Segundo estudos, esses profissionais estão expostos a diferentes formas de violência, como agressões verbais, físicas, psicológicas e sexuais, provenientes de pacientes, familiares, colegas ou superiores. Essa violência pode causar danos físicos, manifestações emocionais, transtornos e distúrbios psíquicos. Além disso, pode influenciar o desempenho do trabalhador, sua dimensão familiar e social. Diante deste cenário preocupante, é necessário que sejam adotadas medidas de prevenção e enfrentamento da violência no trabalho em enfermagem. Algumas dessas medidas são: capacitar os profissionais para identificar e lidar com situações de violência; criar protocolos de atendimento e segurança para os casos de violência; oferecer apoio psicológico e jurídico aos trabalhadores vítimas de violência; denunciar e punir os agressores; e promover uma cultura organizacional de respeito, valorização e cooperação entre os trabalhadores (BERNARDES et al. 2020).

### 2.1 Violência

A palavra violência possui origem do latim, tendo em consideração a palavra *violentia* originária do verbo *volare*, que significa agredir, violentar, transgredir; e é tão antiga quanto o homem e se compõe como um dos grandes transtornos que devem ser combatidos pela comunidade (MODENA, 2016).

Violência é uma palavra bem conhecida e tem sido utilizada para se referir desde às formas mais horríveis de tormento, quanto às mais sutis que ocupam um lugar dominante na vida social. Embora pouco detalhada e exposta à influência dos meios de comunicação, tem assumido as proporções de um grande debate em alguns setores sociais, que se expressa tanto



no diálogo cotidiano dos cidadãos como nos sentimentos de quem em algum momento foi exposto aos terrores motivados por ela (FRIEDEL; FARIAS, 2015).

É configurada como um ato de violação de si mesmo ou a outros, relatado como uma postura de agressão, tormento, humilhação ou ameaças contra a vontade. A procura por uma explanação da origem da violência, leva os pesquisadores a considerá-la como natural no indivíduo e sociedade, como um comportamento que é resultado das relações humanas. Vista como consequência do desequilíbrio nas relações sociais, econômicas e políticas, o mais brutal dos bens que criamos em nome do progresso econômico, modificando toda uma cultura globalizada sob os cuidados do capitalismo mundial (PAVIANI, 2016; MARTINS; DALL'AGNOL, 2016).

O significado de violência é impreciso e complexo, implicado por muitos elementos e disposições teóricas, bem como diferentes soluções. Existem tantos tipos de violência que é difícil enumerá-los satisfatoriamente. Vários profissionais estão falando sobre isso, oferecendo alternativas; no entanto, a violência aparece na sociedade sempre de uma forma nova e ninguém pode evitá-la completamente (MODENA, 2016).

## 2.2 Violência Laboral

A violência no trabalho acontece em múltiplas configurações, de forma intensa e vívida. Dispõe bordas sutis que perturbam e fazem refletir na variedade possível de atos individualizados, malévolos e até perversos. É a relação de emprego que expressa a integridade das relações sociais competitivas, o individualismo e o consumismo, sem respeito ou aceitação das ações dos outros. A violência é um ato humilhante, vigente e verdadeiro. Atinge não apenas o corpo físico, mas o respeito humano, que é o princípio nato de maior valor, pois abrange todo o direito. Seus efeitos atingem o quadro de funcionários, a família e toda a coletividade, não somente a vítima (BARRETO; HELOANI, 2015; TELES, 2018).

Trabalhadores vítimas de assédio ou quaisquer outros tipos de violência, podem desenvolver distúrbios emocionais que afetam a qualidade de vida e reduzem o desempenho no trabalho. A exposição a violência afeta o estado geral de saúde da vítima e prevê um aumento subsequente de sintomas de ansiedade e fadiga (LUCENA et al. 2018).

Além de ser um tema obscuro em sua análise, especificação e manejo, faz-se necessário o reconhecimento dos acometidos e vítimas, identificando-os e especificando o tipo de violência. A origem da violência no âmbito laboral pode estar relacionada a má gestão como: políticas de corte, fragilização das situações de trabalho, ambiente ameaçador, aumento

da produção custosamente, acrescentado de ideologias totalitárias e uso do poder (MENDONÇA et al. 2018).

A violência laboral pode ocorrer nas seguintes formas: violência externa cometida por pessoas que não fazem parte da empresa, ou seja, esse tipo de violência é reflexo dos atos que ocorrem nas ruas e é praticada por desconhecidos; violência interna são praticadas tanto pela chefia, de modo hierárquico, quanto de outros colegas de trabalho, além da violência provocada por clientes; podendo ser classificada em violência física e mental. A agressão ou violência verbal infringe normas que humilham, degradam e demonstram falta de respeito à dignidade e aos valores do outro (GUIMARÃES et al. 2020).

A atmosfera de trabalho como área social também é bastante afetada pelo aumento da violência. Segundo a OIT (2020), violência laboral é qualquer ação, evento ou conduta de uma pessoa contra outra que resulte em agressão, injúria, dano, humilhação ou algo resultante de seu trabalho (VASCONCELLOS; ABREU; MAIA, 2012).

A violência no trabalho prejudica milhares de trabalhadores no mundo, resultando em atestados médicos de longa permanência e até mesmo em suicídio. Os resultados econômicos são: interesse reduzido, maior ausência por motivos de doença, maior revezamento de colaboradores, remodelação muitas vezes precoce. Um trabalhador saudável é aquele que expõe equilíbrio entre corpo e mente; está em sintonia com tudo aquilo que o cerca; tem autocontrole com seu estado físico e mental. Logo, desfrutar saúde não é a simples falta da enfermidade, mas, é ter um comportamento feliz para lidar com todas as situações do dia a dia, e executar com responsabilidade e determinação as tarefas a si dirigidas (ALMEIDA, 2021; BARRETO; HELOANI, 2015).

O trabalho é a razão que dá sentido à vida do cidadão, enobrece, assegura benefícios de cidadania, oferece destaque, prazer, conquistas, rotinas e favorece a saúde. Porém, quando a existência da violência é ignorada ou até mesmo considerada algo cotidiano, que faz parte das regras, autoridade e controle na empresa, a insegurança gera incerteza sobre os direitos humanos que foram conquistados ao longo da história (TELES, 2018).

### 2.3 Violência aplicada aos serviços de saúde

O trabalho em saúde é primordial para a vida humana, pois é visto como uma ação precisa e inovadora para a comunidade. Nesta concepção, encaixa-se o trabalho da enfermagem, que tem como objetivo a atenção e cuidado humano; porém, essa atuação vem sendo exercida sob situações intensas, devido à instabilidade da convivência e situações laborais, fortemente constituída do neoliberalismo (JESUS et al. 2016).

Os profissionais de saúde são afetados pela violência no trabalho e, apesar de estudos voltados para essa questão, ainda há pouca informação para explicar o problema. Em comparação com outros profissionais de saúde, os profissionais de enfermagem fazem parte do grupo com maiores taxas de vítimas de violência psicológica, física, verbal e sexual. Entre esses profissionais os mais afetados são de nível técnico, pois estão mais frequentemente em contato com pacientes e mais expostos ao risco de ataques físicos (VIEIRA, 2017; ALMEIDA, FILHO, MARQUES, 2017).

Equipes multidisciplinares que trabalham em unidades de saúde frequentemente se deparam com a violência. No trabalho de enfermagem, os técnicos e auxiliares de enfermagem são uma das categorias que exibem maior ameaça de violência no ambiente laboral, pois permanecem mais tempo em contato com o paciente devido ao grande número de procedimentos e atendimentos realizados (RODRIGUES, 2012).

Os profissionais de enfermagem, além de encarar circunstâncias árduas em condições laborais como o manuseio dos pacientes e de suas famílias, as emoções de sofrimento, a morte e a dor da perda de um paciente ainda ficam expostos à violência no decorrer das suas atividades diárias (BORDIGNON; MONTEIRO, 2016).

Alguns fatores contribuem para a violência contra a equipe de enfermagem, entre eles o fato de esse profissional trabalhar muitas vezes em ritmo acelerado, em condições inadequadas de trabalho, sistema de saúde superlotado, falta de recursos financeiros e escassez de profissionais. As condições mais habituais de violência contra o profissional de saúde são, em geral, quando o paciente está alterado ou reprimido, quando ouve más notícias ou quando é solicitado a fazer algo que não quer fazer. Familiares e companheiros preocupados e aflitos também são motivos de violência contra esses profissionais, especialmente em salas de emergência lotadas (PEDRO, 2017; CASTRO, 2013)

Os pacientes são os mais apontados como praticantes da violência contra os profissionais de enfermagem e isso interfere na qualidade da assistência, prejudicando o profissional no desempenho de suas atividades. Muitas vezes, a violência é causada pela demora no atendimento e acolhimento, comportamento inadequado da equipe, abuso de álcool, substâncias psicoativas e dificuldade de acesso aos serviços médicos pelos usuários (FREITAS et al. 2017; ROCHA et al. 2018).

Flórido (et al. 2020) relata que nos últimos 30 anos no setor da saúde, o número de mortes aumentou exponencialmente, sendo a violência a principal razão, dentre as quais as mais comuns são agressões interpessoais, discriminação racial, classe e abuso de poder.

A maior parte dos profissionais de enfermagem sofrem violência exercida por pacientes e cuidadores, isso se deve às instáveis condições de atendimento ao público devido às condições de trabalho desastrosas e à grande desigualdade social que existe em nosso país. Pacientes e acompanhantes, embora muitas vezes previstos como agressores, também são vítimas do atendimento insuficiente oferecido pelo atual sistema de saúde (SILVA; SILVEIRA; GEDRAT, 2021).

As áreas hospitalares com maior índice de violência são a unidade de atendimento psiquiátrico que responde por quase metade de todas as violências, seguida por pronto-socorro, unidades clínicas e centro cirúrgico. Embora os departamentos de psiquiatria tenham maior proporção, acredita-se que os profissionais que atuam em serviços de ambulância e situações de emergência são os mais afetados pela violência na área da saúde (LIMA; SOUZA, 2015).

Esses profissionais também sofrem violência externa, entendida como aquela praticada por pessoas de fora da unidade de saúde, como motoristas dos veículos da instituição e taxistas que trazem pacientes para atendimento. Esses indivíduos muitas vezes se envolvem em abuso moral, agressão verbal e racismo (PEREIRA et al. 2019; PAI et al. 2018; LIMA; SOUZA, 2015).

O Ministério do Trabalho define assédio moral como atos cruéis e desumanos que caracterizam uma postura violenta e imoral nas relações de trabalho, exercidas por chefias contra seus subordinados, que configuram a exibição destes à situações constrangedoras, vergonhosas e humilhantes durante sua jornada de trabalho, também denominada de violência moral, com o objetivo de humilhar, excluir e desestabilizar emocionalmente a relação da vítima com a estrutura e o ambiente de trabalho e que coloca em risco sua vida e bem-estar. (BRASIL, 2013).

Segundo a Administração de Segurança e Saúde Ocupacional dos Estados Unidos, existem diversas condições que predispõem ao princípio de atos violentos como: lidar com pacientes e cuidadores com antecedentes de violência, altos índices de criminalidade geográfica, traslado de pacientes, estar sozinho em setores pouco iluminados, grande movimentação de pessoas não identificadas, falta de equipe e treinamento para reconhecer potenciais agressores, tempo prolongado em salas de esperas desconfortáveis e inseguras (OSHA, 2015).

Um Estudo brasileiro efetuado no Rio Grande do Norte, verificou que 91,8% dos profissionais das equipes de enfermagem nunca estiveram em nenhum tipo de capacitação sobre como comportar-se diante de um episódio violento durante suas atividades laborais; observou-se que 8,2% dos profissionais com essa capacitação são mais propensos a

reconhecer e sofrer um episódio de violência. Logo, leva-se à conclusão que o verdadeiro número de violência vivenciada por esses profissionais possivelmente é notificado menos do que seria esperado ou devido, em razão da naturalidade em que se levam esses fatos (SOUZA; COSTA; GURGEL, 2014).

Segundo Pereira (2019), o que os profissionais buscam do Tribunal Superior do Trabalho não é apenas o pagamento por seu trabalho prestado, mas também justiça e reparação da violência sofrida, além das humilhações rotineiras, que os levaram adoecer de maneira física e psicológica.

Segundo a pesquisa realizada pelo COFEN (2020), apenas três décimos dos profissionais de enfermagem se sentem seguros no ambiente laboral e mais da metade desses trabalhadores são ou já foram maltratados, em sua maioria sofreram à violência física, tendo como agressores, os próprios pacientes. A adesão de uma precaução segura deve ser imposta pelo poder, mas também é uma reflexão de todos; pois todos nós, podemos ser “assediadores” em algum período e futuras vítimas submetidas de alguém (CAVALCANTI, 2019).

#### 2.4 Violência de gênero na enfermagem

Embora a violência no local de trabalho ocorra em todas as áreas, considera-se que ocorre com mais frequência em áreas dominadas por mulheres, como o setor de saúde e serviços sociais. Esse fato indica a influência das relações entre os sexos nessa determinação. Assim, embora a violência seja imputada às profissões mais perigosas, como seguranças e policiais, estudos têm evocado atenção para a alta prevalência do problema em funções tipicamente femininas (SILVA; AQUINO; PINTO, 2014).

Qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou insinuada contra indivíduo que se encontra em posição de vulnerabilidade devido à sua identidade pessoal ou orientação sexual é visto como violência de gênero. Em conformidade com a estimativa global publicada pela Organização Mundial da Saúde em 2017, uma em cada três pessoas do sexo feminino no mundo já foi vítima de violência física ou sexual durante a vida (RAMOS, 2020).

A falta de debates sobre a diversidade sexual, em especial a homossexualidade por parte dos profissionais de saúde, é interrogada como forma de deferência ou temor. Da mesma forma, afirma-se que aquilo que o profissional considera correto ou incorreto não influencia o campo profissional, limitando-se ao seu meio familiar (VITIRITTI; ANDRADE; PERES, 2016).

Os problemas que enfrentam para manter seus empregos e ter sucesso em suas carreiras, destacam-se a discriminação, assédio verbal, discursos de ódio e intolerância. Essas

questões levam os indivíduos a esconder suas identidades sexuais para evitar prejuízos em sua vida profissional, pois revelar sua identidade sexual muitas vezes pode levar a relacionamentos difíceis entre funcionários e clientes (PEREIRA et al. 2017).

A violência de gênero é um fato no Brasil que, por consequência, impacta na vida das profissionais de enfermagem, tendo em vista que a categoria é composta em maior número por mulheres. Muitos fatores contribuem para esse cenário, como a própria cultura brasileira, que continua mantendo a desigualdade de gênero, entre outros, do ponto de vista social, econômico, bem como a sexualização da imagem da mulher. No caso de enfermagem, as fantasias sexualmente sugestivas utilizadas no carnaval, halloween e outros eventos são elementos que refletem essa realidade (COREN -SP, 2021).

A sensualização da mulher está ligada às relações de poder, com o domínio da apresentação cultural, os homens brancos da alta sociedade se definiram como sujeitos-protagonistas nas sociedades ocidentais, silenciando os desejos e vontades femininas, que foram vistas e exibidas ao longo do tempo em esculturas, ilustrações, retratos, filmes, entre outras formas de publicidade representadas pelo olhar masculino (ABREU, 2015).

Esse exercício resultou na hipersexualização do corpo feminino, que se refere a comportamentos discriminatórios no ambiente organizacional, caracterizados pelo assédio moral, ou seja, práticas abusivas, por meio de condutas, linguajar, gestos ou ações que podem causar prejuízos físicos ou psicológicos ao indivíduo (POIARES; RIBEIRO, 2019).

A imagem da enfermeira muitas vezes é apresentada de forma desdenhosa e submissa, desmerecendo sua capacidade e inteligência, denegrindo sua imagem. Se o método de divulgação da informação refletisse a realidade do trabalho das enfermeiras, permitiria que a sociedade tivesse suas próprias interpretações e julgamentos sobre aqueles que se dedicam a essa profissão (OLIVEIRA, 2018).

Estudo realizado no Paraná, revelou que quando pesquisado na internet a palavra enfermeira, principalmente buscas por imagens, uma grande proporção dessas buscas mostra a figura dessa profissional de forma sensual e pejorativa, motivando o leitor a qualificá-la como objeto sexual. No entanto, ao buscar a palavra “enfermeiro”, nota-se um número menor de referências, que além de menores, ainda apresentam o profissional bem trajado, com uma postura de respeito executando gestos característicos à profissão (OLIVEIRA, 2021).

Essa exposição desfavorável de enfermeiras vindas de mídias, redes sociais, novelas e outros afins, reflete diretamente no ambiente de trabalho, onde essas profissionais passam sofrer assédios sexuais e verbais, partindo de pacientes, acompanhantes e colegas de trabalho (POIARES; RIBEIRO, 2019).

No estudo da história do cuidado de enfermagem, percebe-se que a profissão reflete o assédio e o preconceito de uma cultura machista, vítima de uma interpretação veiculada pela mídia, principalmente a internet. A enfermagem requer confiança para estabelecer um diagnóstico e fortalecer vínculos com a população / grupos a ser atendido; que muitas vezes necessitam um toque ético, profissional que termina apenas no processo de alta. Em outro nível, a mídia distribui gratuitamente uma cura sexy, provocando conceitos profanos, um toque sensual que termina em um momento de prazer (POIARES; RIBEIRO, 2019).

A equipe de enfermagem é predominantemente feminina, que muitas vezes sofre violência por meio do autoritarismo e dominação pela equipe médica, algumas vezes constituídas por homens. Ainda que a sociedade tenha caminhado em direção à igualdade de gênero, ainda há uma debilidade por ser mulher, com isso pode-se aumentar o risco de violência no ambiente de trabalho (OLIVEIRA, 2018).

O que se observa no mundo do trabalho é a repetição e, resultado direto da natureza violenta e punitiva da mulher na sociedade civil. A mesma sociedade oferece o trabalho produtivo e mais valioso para o homem. Enquanto nos bastidores está uma mulher com menos valor, insana, destinada à reprodução e ao trabalho doméstico e que é desvalorizada economicamente. Cotada como simples reprodutora, a mulher é castigada em diversas ocasiões: se não possuir filhos, não cumpre sua função; se for mãe, não aparece mais como objeto lucrativo no mercado de trabalho (SIPOLI, 2021).

Combater as reproduções distorcidas e/ou eróticas da profissão deve ser visto como um assunto sério, a fim de mostrar a importância e a seriedade pertencente aos anos de dedicação e estudos desses profissionais (COREN-SP, 2021).

### **3. VIOLÊNCIA EM DIFERENTES AMBIENTES DA ENFERMAGEM**

#### **3.1 Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva (UTI)**

A unidade de terapia intensiva caracteriza-se como um local de atendimento a pacientes graves ou em perigo de morte, para os quais há requisitos de cuidados contínuos. Nesse entorno, a enfermagem excede as dimensões do trabalho técnico para contemplar o indivíduo em toda sua subjetividade (GONÇALVES et al. 2014).

Esses são locais onde o estresse decorre das características únicas da unidade em determinadas situações, do estado crítico de saúde do paciente e da complexidade dos procedimentos e aparelhos envolvidos na realização desse exercício. Ao tratar da questão da

violência relacionada ao setor da saúde, esse fenômeno é mais comum quando se fala da equipe de enfermagem. (VASCONCELLOS; ABREU; MAIA, 2012).

As UTI's proporcionam ameaça de atos violentos contra o profissional durante a realização do atendimento ao paciente, devido à proximidade e frequência de contato no atendimento, bem como delírios ou alucinações decorrentes do efeito colateral de medicamentos sedativos. Esse ambiente oferece variações definidas por violência física ou psicológica por parte do paciente, familiares, mas também eventos adversos que resultam em violência entre os membros da equipe de saúde (GONÇALVES et al. 2014).

### 3.1.1 Enfermagem na classificação de risco

Como parte do Sistema Único de Saúde (SUS), diferentes serviços de urgência e emergência de unidades hospitalares usam os protocolos do Acolhimento com Classificação de Risco (ACCR) para reconhecer os pacientes que requerem cuidado imediato, com base no risco potencial, a partir de um serviço centrado no usuário, assegurando a humanização do atendimento (ACOSTA; DURO; LIMA, 2012).

O profissional de enfermagem que atua no setor onde o paciente é acolhido é o primeiro a entrar em contato com o usuário em estado de doença; além disso, o enfermeiro responsável pela categorização e decisão da gravidade do caso e tempo de espera, pode estar vulnerável a ser exposto a uma situação de violência pelos próprios usuários, cuidadores ou mesmo outros profissionais (FREITAS et al. 2017).

A violência advém de pacientes habitualmente discordando da categorização dada para sua condição clínica, principalmente quando não é considerado um atendimento emergencial/agudo ou ambulatorial. Portanto, se suas solicitações não forem resolvidas rapidamente e as respostas recebidas não forem as esperadas, emerge um conflito de interesses, onde os usuários recorrem à violência contra os profissionais (OLIVEIRA et al. 2013).

### 3.1.2 Enfermagem em psiquiatria

Na área da saúde poucos setores são tão complexos e transversos em conhecimentos e práticas quanto a psiquiatria. Atuar nessa área significa enfrentar diariamente a dor e o sofrimento de pacientes que, devido doenças crônicas e recorrentes, são altamente dependentes dos profissionais e serviços (MAGNUS; MERLO, 2012).

Quando se trata de trabalhar em hospitais psiquiátricos, a equipe de enfermagem pode se envolver em circunstâncias de violência, pois, além de trabalhar muitas vezes em condições inadequadas, a equipe de enfermagem carrega o estresse emocional do cliente e da família



durante todo o dia. Isso requer esforço físico e mental, tanto em emergências psiquiátricas, quanto na assistência de pacientes acamados, inquietos, com contenções ou sedados, que requerem assistência e observação contínuas (SOUZA et al. 2015).

Uma pesquisa realizada no ano de 2012 em uma clínica psiquiátrica do Rio de Janeiro (RJ) – Brasil, trouxe como resultado a violência psicológica sofrida pelas equipes de saúde que tratam o ato violento com naturalidade. Enquanto os profissionais associam a agressão verbal do paciente ao quadro clínico, por outro lado, não se conformam com a violência psicológica perpetrada pelos familiares. Diante de tal problema, destaca-se a importância de os próprios trabalhadores comportarem-se para prevenir a violência, o que pode ser feito por meio da empatia com a família em seu sofrimento, fornecendo informações precisas sobre a rotina, seus direitos e a importância de sua participação no tratamento (PAULA et al. 2017).

Paciente psiquiátrico é típico de palavrão, principalmente quando falta cigarro ou quando não concorda com uma solicitação e, também, quando tem que ser contido. Quase todo plantão sou xingado! Mas é normal na doença deles (E4).  
O paciente, quando vai ser contido, é um problema! Porque o comportamento dele é uma ameaça e a gente fica sem saber o que pode acontecer na hora da contenção (E12).  
O paciente, no momento em que estiver em crise, pode ter algum tipo de movimento ou lançar algum objeto! Por isso tem que manter o ambiente seguro, evitar qualquer tipo de material que possa trazer riscos (E10) (PAULA et al. p. 89, 2017).

### 3.2 A variedade e motivos relacionados à violência entre a equipe de enfermagem

A violência no local de trabalho pode ser física, ou seja, o uso de força física contra outra pessoa ou grupo, resultando em danos físicos, sexuais ou psicológicos; utilizando uma forma de poder intencional, que implica a ameaça de força física, tal ação expõe quatro subtipos: agressão verbal, *mobbing*, assédio sexual e discriminação racial. A agressão verbal faz parte da violência psicológica, sendo identificada por um discurso claro ou implícito referente a injúria, desacato pessoal ou profissional, bem como sentimento de humilhação em relação à vítima. Na maioria das vezes, o agressor usa tom agressivo, ameaças, superioridade e arguições, usando palavras grosseiras (ALMEIDA, 2016).

A Organização Internacional do Trabalho avalia a violência no trabalho como um dos mais graves perigos laborais, além de uma questão de saúde mundial, que tem impacto imediato na saúde física e mental dos profissionais, trazendo consequências sociais e econômicas (Han et al. 2021; Hsieh et al. 2016; OIT, 2020; Pai et al. 2018).

Torna-se relevante o sentido de aumentar o debate científico sobre as condições de trabalho dos profissionais de enfermagem para que haja conscientização de toda a comunidade

e, com isso, que o problema seja reconhecido como uma emergência de saúde pública, e assim goza da atenção e proteção do governo. Conseqüentemente, este trabalho visa considerar e ampliar a divulgação do panorama efetivo da Enfermagem brasileira, visando sensibilizar a sociedade, órgãos, entidades e categorias profissionais (ROBAZZI et al. 2020).

Embora a profissão de enfermagem seja importante para a sobrevivência social, por que ainda é considerada uma das profissões com maior taxa de desvalorização do trabalho? Essa resposta talvez esteja relacionada às questões de gênero que existiam na profissão antes mesmo de seu surgimento. Gênero deve ser entendido como uma construção social moldada por ligações de poder, cujo desenvolvimento é influenciado pelo contexto histórico de um determinado momento (TSUKAMOTO et al. 2019).

O trabalho que gera renda mensal é valorizado socialmente de acordo com quem o faz e, geralmente o feito por “enfermeiras” como cuidar de pessoas doentes, idosas e crianças, não é tão valorizado quanto o feito pelos homens. Por isso, alguns autores afirmam que há relações de profissionais femininas, e que um dos motivos para os enfermeiros ganharem pouco é que a maioria deles é composta por mulheres. (TRINDADE et al. 2019).

No entanto, a flexibilização das leis laborais nos últimos anos desmobilizou a categoria na luta por seus direitos no trabalho. Cabe ressaltar que as formas de trabalho inseguro devem ser combatidas por meio de denúncias às autoridades competentes e aos sindicatos (MARTINS; PEREIRA,2021).

De acordo com um levantamento feito em 2022 pelo Conselho Regional de Enfermagem do Distrito Federal, com 834 participantes.

- 644 profissionais de enfermagem já sofreram humilhação;
- 589 foram xingados;
- 488 foram ameaçados;
- 160 sofreram agressão física;
- 135 sofreram outros tipos de agressão.

Esses números ilustram a gravidade do problema e a necessidade de medidas para prevenir a violência contra os profissionais de enfermagem (COFEN, 2022).

Seguem alguns depoimentos coletados de publicações em jornais como “O Dia”, “Diário de São Paulo”, “Folha de São Paulo”, entre outros, de profissionais atacados:

“Fui a nocaute com soco, apaguei”.

“E estava grávida de 18 semanas ... a paciente partiu para cima de mim, arranhou os meus braços e rasgou o meu jaleco”.

“A gente fica até aliviado quando o plantão acaba e só ouviu as ofensas de sempre como: vagabundo.... eu pago o seu salário”.

“Ele agarrou o meu cabelo e me encheu de tapas porque demoramos a chegar. Fui salva pelo motorista” (GALVÃO, 2017).

O código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (CEPE) determina que temos o direito de exercer a profissão com segurança técnica, científica e ambiental; em locais livres de riscos, danos e violência física e psicológica; suspender as ações individuais ou coletivas em locais de trabalho que não oferecem segurança e/ou que desrespeitam a legislação vigente e apoiar e/ou participar de atos em defesa da dignidade profissional, da cidadania e lutas por melhores condições assistenciais, laborais e salariais (PAULA et al. 2014; MELO et al. 2020; NONNENMACHER et al. 2019).

No entanto, esses direitos não são cobrados pelos profissionais de enfermagem. Pelo contrário, a prática profissional é exercida sem condições de segurança técnica e ambiental; ambiente de trabalho insalubre com potencial para ocasionar doenças físicas e psicológicas, além de poucos estudos sobre participações políticas em denúncias. No entanto, essa perspectiva mostra que a enfermagem é uma das categorias de saúde mais expostas a riscos (TSUKAMOTO et al. 2019).

Os atos violentos podem acontecer tanto em ambientes como hospitais e centros de saúde, quanto em transporte de emergência e outros espaços públicos. Os motivos da agressão mudam, mas muitas vezes estão relacionados à insatisfação e ansiedade do paciente e da família com o atendimento recebido. Para superar essa questão, é significativo chamar a atenção para a importância do trabalho dos técnicos e enfermeiros, bem como respeitar e valorizar esses profissionais. Além disso, políticas públicas devem ser estabelecidas para garantir a segurança desses trabalhadores e penalizar os agressores (ENFERMAGEM, 2023).

De acordo com dados do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), entre março de 2020 e abril de 2021, foram registrados 31.790 casos de agressão a profissionais de enfermagem em todo o país. Desses casos, 9.381 foram de agressão verbal e 683 de agressão física (ENFERMAGEM, 2023).

Lucena (et al. 2019, p.2) ensina que existem formas de classificar o assédio moral: a horizontal, que envolve profissionais de um mesmo nível de cargos; a vertical, que se subdivide em vertical descendente (quando a agressão advém do superior contra o subordinado); e vertical ascendente (em que o subordinado agride o superior); e também a forma mista, caracterizando a agressão entre colegas do mesmo nível e chefes.

Nos casos de assédio sexual, a vítima sofre constrangimento, humilhação e ameaças devido a uma conduta fútil, desconfortável e não recíproca. Em diversas condições, a vítima, sentindo-se encurralada, começa a se isolar de seus pares e ignora falar sobre o assunto,

acreditando estar sendo ignorada pelo grupo de trabalho; além disso, a dúvida em torno da aplicação da justiça evidencia que é improvável que esses incidentes cheguem ao Tribunal de Justiça. E esse processo se torna uma extensão da investigação da violência (ALMEIDA, 2016).

A Lei 10.224, de 15 de maio de 2001, acrescentou um artigo (o Art. 216-A) ao Código Penal para definir o crime de assédio sexual como o de "constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função" (CAMPOS, 2021).

A distinção racial também é um tipo de violência, e o racismo institucional ocorre dentro das equipes de saúde. Pontos ligados à raça, cor e etnia ainda não são abordados e ainda, há pouco apoio à educação continuada, inclusive sobre o tema. São muitos os motivos que levam à violência contra enfermeiros; isso inclui estar sobrecarregado com as atividades diárias, falta de comunicação interna, reconhecimento, falta de confiança e indecorosa relação dentro da equipe, que sustentam reações negativas que podem desencadear a violência profissional. (ROSA, et al. 2019).

Durante a pandemia de COVID-19, a enfermagem tornou-se ainda mais exposta às condições de violência por parte de pacientes/cuidadores ou funcionários. No Brasil, um ato dessa violência aconteceu com a enfermagem que esteve ativa e presente em homenagens silenciosas aos colegas que sucumbiram à luta contra a COVID-19. No período pandêmico, houve uma alta demanda de violência psicossocial, devido às condições instáveis de trabalho, ao uso de equipamentos de proteção individual e subtração do número de trabalhadores na linha de frente de atendimento à COVID-19 (ROBAZZI et al. 2020).

Em relação às mais variadas reações vivenciadas por problemas relacionados à violência no trabalho, foram relatadas algumas situações em que a vítima tem buscado manter a calma para não causar maiores danos a si mesma, procurando preservar o vínculo empregatício com sua vida. Para proteger-se e garantir a autodefesa, estes colaboradores alargaram os mecanismos através do distanciamento emocional, exclusão e comportamento hostil, não só para com os doentes, mas também para com os outros colegas (ROBAZZI et al. 2020).

### 3.3. A insegurança e fragilidade da enfermagem frente às notificações em caso de violência

A violência no Brasil é um problema sistêmico que nos acompanha desde os tempos da colonização. É um problema estrutural da nossa sociedade que gera pânico na população e

prejuízos financeiros para o país. Temos uma formação estatal estruturalmente racista, que mantém a população negra à margem da sociedade e no centro dos crimes violentos (PORFÍRIO, 2023).

Os profissionais de saúde são legalmente obrigados a notificar o tratamento para mulheres vítimas de violência. A lei 10.778/2003 obriga os serviços de saúde, públicos ou privados, a informar ocorrências suspeitas ou confirmadas de violência de qualquer natureza contra a mulher, esta lista inclui profissionais de saúde como: médicos e enfermeiros, e instalações como Unidades básicas de saúde e hospitais (MANSUIDO, 2020).

Diante desse cenário, o Brasil, por meio da Atenção Primária à saúde (APS), serviço prestado pelo Sistema de Saúde (SUS), como articulador de parcerias entre setores sociais, como o apoio à justiça social, tem conseguido chegar às vítimas de violência, prestando atendimento contínuo com toque humano. Integrar educação e saúde, proposta de ações e promover serviços integrais de saúde para vítimas de violência (MENDONÇA, 2020).

Em 2019, foram identificados 4.130.254 milhões de casos de violência contra a mulher no país. Comparando as regiões, Sudeste e Nordeste registraram o maior número de ocorrências violentas, 1.743.190 e 1.182.880 respectivamente. O maior número de ocorrências foi em São Paulo com 997.052 e na Bahia com 396.180. Essas informações sinalizam que a violência contra a mulher é alta no país (CERQUEIRA et al. 2021).

As notificações de violência podem ser interpessoais e autoinduzidas. Notificar é um passo para uma assistência que promova novas e qualificadas estruturas de atendimento para atender familiares e vítimas de violência. As notificações, por exemplo, são atividades de vigilância em saúde enviadas ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e contribuem para a dimensão epidemiológica do problema (CRUZ et al. 2019; BRASIL, 2017).

O trabalho da enfermagem deve implicar empatia e confiança para ir além dos sinais e sintomas expostos pela vítima de violência e, assim, obter informações para planejar seu comportamento nessas condições. A Sistematização da assistência de Enfermagem (SAE) pode servir de instrumento para o zelo das pessoas que sofrem com essa questão, pois a SAE organiza o cuidado e direciona ações específicas para cada usuário, aprimorando a qualidade da assistência e procurando atendê-los em domínios individual, coletivo, físico e emocional (PORTO et al. 2020).

O enfermeiro torna-se um profissional importante na APS, atuando na assistência à população, na sua prevenção, identificação, notificação e coordenação do cuidado. De acordo com a Portaria nº 2.436, devem prestar assistência à saúde do indivíduo e da família, e em todos

os ciclos da vida. É no acolhimento que se cria uma relação mútua de solidariedade e confiança (BRASIL, 2017).

O acolhimento nas unidades de saúde tem sido um dispositivo preventivo e de combate às situações de violência por meio de ações como a educação em saúde. Ao se sentir acolhido pelo profissional, o usuário passa a confiar nele e relatar os acontecimentos do seu dia a dia, cabendo aos profissionais de enfermagem notificá-los sem julgamentos e acusações (BARRENECHEA et al. 2020).

A equipe de saúde deve estar preparada para identificar casos de violência contra mulheres, crianças e outras populações vulneráveis. Acolher a mulher com respeito, observar com cautela suas fragilidades e orientar sobre a rede de serviços disponíveis, deve demonstrar o interesse do profissional em oferecer proteção a elas. Além de oferecer atendimento qualificado e humanizado baseado em protocolos que articulam tratamentos e encaminhamentos para serviços de referência, quando necessário (SILVA; CERIBELLI, 2021; BRASIL, 2017).

Hoje, existe um amplo sentimento de insegurança entre a população devido às crises de legitimidade afetadas pela corrupção governamental; por conta disso, os enfermeiros não se sentem seguros para notificar os casos de violência e tendem a abordar a vítima de forma indireta e também não insistem em questões-chave, pois o medo é um dos fatores que influenciam as ações (SILVA; RIBEIRO, 2020; DUARTE et al. 2019; SILVA; CERIBELLI, 2021).

A violência é um dos maiores desafios para os profissionais de enfermagem que trabalham em comunidades onde as desigualdades sociais e econômicas e a falta de apoio policial fazem parte do cotidiano. Alguns autores apresentam o fator violência como uma barreira para o desenvolvimento e implementação de medidas de saúde preconizadas pela atenção primária. A partir da notificação compulsória pode-se fazer uma avaliação do impacto e características da violência, e a partir disso, políticas públicas e medidas governamentais são desenvolvidas para resolver essa questão que atinge a população (POLARO et al. 2013; CRUZ et al. 2019).

As dificuldades para notificar, incluem o medo de represálias do agressor e esses profissionais agredidos obedecem às regras impostas pela violência que está destruindo a comunidade e a população; não saber do processo é ver a notificação como denúncia. A vulnerabilidade dos profissionais de enfermagem em seu ambiente de trabalho pode levar à subnotificação da violência, visto que temem sofrer ataques à sua integridade física por parte do agressor denunciado. Estatisticamente a maioria das unidades de APS no Brasil está

localizada em áreas com altos índices de violência, vulnerabilidade e não possuem segurança pública ou privatizada. (CRUZ et al. 2019).

### 3.4 Os agressores

Em geral, os agressores são capazes de promover ataques repetidos, como posturas de início sorradeiras que aumentam com o tempo. Para atacar a vítima, o agressor humilha, castiga, envergonha e isola o profissional agredido, entre outras condições constrangedoras que causam dor física e psicológica (ENFERMAGEM, 2023).

Alguns tipos de violência, também conhecido como *mobbing e bullying*, são conceituados como uma ação de, frequente e intencionalmente exibir comportamento abusivo. Esses comportamentos são caracterizados por inúmeras posturas que ameaçam a integridade física ou mental do indivíduo pondo em risco sua ação profissional e tornando seu ambiente de trabalho um local hostil e extremamente desconfortável, isso ocorre de forma prolongada e violenta, o que pode ser assustador para as vítimas (BARRETO, 2022).

O comportamento por meio do qual o empregador ou seus prepostos um ou mais empregados e inicia um processo deliberado de perseguição insistente, composto por atos repetitivos e prolongados, com o objetivo de humilhá-los, constrangê-los, inferiorizá-los e isolá-lo dos demais colegas de trabalho, procedimentos que implicam danos à saúde psicofisiológica e a dignidade do empregado (CAIRO, 2018, p. 1064).

À medida que os ataques avançam, a vítima geralmente permanece em silêncio por medo de repreensão, causando mais constrangimento, descrença e o mais importante, por medo de perder o emprego de que, muitas vezes, precisa desesperadamente. A vítima envolvida nesse problema, do qual parece não haver saída, passa a ter dificuldades no relacionamento interpessoal. Os sintomas psicológicos se manifestam de várias formas, como: insegurança, baixa autoestima, sentimentos de mágoa, depressão, ataques de ansiedade e muitos outros efeitos físicos e psicológicos que prejudicam a saúde (BARRETO, 2022).

Observa-se que os agressores/assediadores no ambiente de trabalho, ocasionam tanto sofrimento sem arrependimento, apenas por ocupar posição superior ao dele ou por se considerar melhor que a vítima; é uma pessoa que atravessa a barreira entre o que é aceitável ou não, não diferencia essa fronteira, revelando assim que o assediador dispõe o perfil de um descontente e infeliz, que desconta suas derrotas pessoais em outras pessoas, deixando de praticar condutas dignas, precisas e corretas, praticando ações indignas e inaceitáveis que danificam o meio de convívio (BARRETO, 2022).

Há baixa prevalência de assédio sexual entre os profissionais de saúde registrada na literatura em geral, pois o sentimento de desonra e constrangimento entre as vítimas, é evidenciado pela repressão à denúncia dessa forma de violência; normalmente, as vítimas de assédio sexual não falam abertamente sobre o caso porque temem que as pessoas não acreditem em sua história, temem a retaliação e o desemprego, além de duvidarem da eficácia do judiciário, já que essas ocorrências raramente vão para o tribunal e o julgamento se torna uma experiência complementar à violência (VASCONCELLOS; ABREU; MAIA, 2012).

Outro impasse no registro do assédio sexual é a dificuldade de estabelecer que o fato realmente ocorreu e comprová-lo, já que, em geral, os episódios acontecem em ambiente privado e sem testemunhas e estas, quando estiveram presentes, relutam em cooperar com a investigação por medo (MACHADO et al. 2016).

Além disso, é comum que os relatos verbais de violência no trabalho não sejam acolhidos de forma adequada pelos gestores, não sendo considerados como formais. Logo, torna-se necessário que os hospitais e demais instituições de saúde criem um protocolo institucional de notificação de violência no trabalho para garantir a segurança dos profissionais de saúde (BRILHANTE; ARAUJO; ALMEIDA, 2014).

### **3.5 Adoecimentos da enfermagem**

A enfermagem, é reconhecida pelo seu trabalho extenuante que lida diretamente com o sofrimento, o que exige significativo esforço físico e emocional, além de longas jornadas; e os turnos de trabalho permitem que os profissionais assumam e se dediquem a mais de uma atividade laboral, o que pode levar ao esgotamento e, conseqüentemente, ao adoecimento, impactando negativamente na qualidade de trabalho e de vida (MACHADO et al. 2014).

A violência contra profissionais de saúde em ambiente hospitalar traz uma série de resultados para o desenvolvimento integral desses profissionais e para sua saúde, devendo ser avaliada como uma grave questão de saúde pública. Esta violência repercute em comportamentos autodestrutivos (tabagismo, consumo excessivo de álcool, etc.), no aparecimento de doenças crônicas e uma carga intensa de sofrimento mental, provocada pela incapacidade do profissional em lidar com a situação que vive. A maior dificuldade é que uma parcela significativa dos casos de violência passa despercebida, o que torna esse fenômeno invisível nos cenários de saúde (LIMA; RIBEIRO; MUSSE, 2018).

Além de identificar setores e atividades que vulnerabilizam os profissionais de enfermagem, também existem os aspectos como enfermarias abarrotadas e excesso de trabalho, que tornam o ambiente desfavorável, e que além de criar uma ligação direta com estresses e



adoecimentos dos profissionais de enfermagem, também podem favorecer à atos de violência; uma vez que esses trabalhadores podem não ter suporte organizacional para enfrentar condições potencialmente geradoras de violência no trabalho (VASCONCELOS et al. 2012).

Cabe apontar, como discutem Guerra (et al. 2017), que o fenômeno da violência na esfera da saúde é uma matéria que deve ser considerada importante, uma vez que, além de influenciar a prestação do delicado serviço de socorro e saúde, as implicações geram influências negativas no ajustamento comportamental dos sujeitos afetados, podendo lhes alterar a qualidade de vida, principalmente no tocante aos aspectos morais e mentais, assim como físicos e espirituais. Para Bordignon e Monteiro (2016), a exposição à violência no trabalho tem sido vinculada a problemas de saúde dos profissionais de enfermagem, que se apresentam por danos físicos, manifestações emocionais, transtornos e distúrbios psíquicos.

Estudo recente sobre denúncias de assédio moral entre trabalhadores de uma unidade de saúde realçou que a violência sofrida é descrita pelas vítimas como um evento traumático que causa grande sofrimento. Outros estudos também mostram que o sofrimento mental pode se manifestar em outras mudanças no estado de saúde dos profissionais como ganho ou perda de peso, insônia, irritabilidade e hábitos como uso e abuso de substâncias químicas psicoativas, álcool e outras drogas (FAIMAN, 2016).

### 3.5.1 A depressão em profissionais de enfermagem

Os profissionais de enfermagem compõem um grupo com maior probabilidade de desenvolver problemas mentais, dentre eles a depressão; e isso se deve a diversos fatores, tais como: a violência no ambiente de trabalho, conflitos entre equipe, baixa remuneração, falta de reconhecimento profissional, etc. (ALVES et al. 2019).

A depressão e o suicídio são fatos que carregam imenso sofrimento à vida das pessoas afetadas, suas famílias, amigos e comunidade, e estão ligados um ao outro. Em sua dinâmica de trabalho, os profissionais de enfermagem estão expostos a uma grande variedade de estímulos físicos e mentais, que os tornam mais susceptíveis a sintomas depressivos e pensamentos suicidas. Essa suscetibilidade decorre tanto do ambiente de trabalho quanto das tarefas realizadas, visto que enfrentam diariamente doenças graves e o risco iminente de morte do paciente (BARBOSA et al. 2012).

Dados apresentados em estudo realizado em Curitiba no estado do Paraná em 2014, apontam que a depressão é um dos transtornos mentais e comportamentais que levam 24,1% dos trabalhadores de enfermagem se afastarem do trabalho, onde também são relatados quadros significativos de depressão em 52,72% dos profissionais (OLIVEIRA et al. 2019).

A depressão é indicada como uma doença pela clínica psiquiátrica, e tornou-se um grande problema de saúde nos últimos anos, atingindo uma grande parcela da população, afetando muitas vidas e refletindo de várias maneiras a percepção dos enfermeiros (MOREIRA; BASTOS, 2015).

Por muitas vezes a depressão se apresenta antes da tentativa de suicídio, camuflada nos profissionais de enfermagem que estão em pleno exercício de suas atividades laborais e com um comportamento impecável, ignorando o fato de também estarem necessitando de cuidados; mesmo a doença sendo devastadora à esses trabalhadores, a maioria é incapaz de expressar seus sentimentos, pois isso requer aceitação e está relacionado ao cotidiano desses profissionais (GOMES et al. 2015).

A literatura sugere que o comportamento suicida entre profissionais de enfermagem está associado a desfechos de dor, depressão, violência, distúrbio mental, uso de drogas ilícitas e atos sem esperança. O acúmulo de sofrimento e desespero tornou-se tão paradoxal, que se considera o suicídio uma forma de acabar com a dor e o sofrimento (REISDORFER et al. 2015).

No ambiente de trabalho, a agitação e multitarefas do dia a dia, às vezes cegam todos, e é impossível ver um pedido de ajuda de um profissional de saúde que está encarando momentos de escuridão devido a depressão, muitas vezes seus colegas não entendem o que está acontecendo, então quando prestam atenção já é tarde (SOUZA; MOREIRA, 2018).

### 3.5.2 Vulnerabilidades dos enfermeiros à síndrome de Burnout

A síndrome de Burnout é um transtorno mental caracterizado por exaustão física, mental e emocional. Esse transtorno depressivo é causado pelo acúmulo excessivo de trabalho, demandas extremas e condições estressantes recorrentes, sendo rotineiro entre profissionais que trabalham sob pressão, como enfermeiros (SILVA et al. 2015).

Os profissionais da área da saúde estão mais suscetíveis a desenvolverem a Síndrome de Burnout, que é uma doença caracterizada por sintomas de dores musculares, irritabilidade, esgotamento físico e mental; dividida em três proporções, as quais a enfermagem se apresenta como principal grupo atingido: exaustão emocional, realização profissional e despersonalização (CAMPOS, 2019).

A exaustão emocional, na qual os trabalhadores acham que não podem dar o melhor de si mesmos; nesse processo eles se sentem esgotados de energia e dos recursos ligados às próprias emoções, devido ao contato diário com os problemas; a despersonalização, caracterizada por sentimentos e atitudes negativas e de irritabilidade às pessoas destinatárias do trabalho, bem como insensibilidade afetiva da relação; e pôr fim a ausência de envolvimento

individual no trabalho, que é a aptidão de uma evolução não positiva no trabalho, afetando a responsabilidade para a sua realização (CUNHA; SOUZA; MELLO, 2012).

Cabe ainda mencionar que o excesso de trabalho dos enfermeiros diminui o tempo para o lazer e acaba gerando prejuízos à saúde física, mental e sensação de vazio, que pode acarretar estresse profissional que é um componente específico a qualquer distúrbio que leva a certas mudanças na estrutura emocional (MIRANDA; MONZALVO; HERNÁNDEZ, 2016).

Diversos fatores como: desgaste constante e diário, excesso de demanda nas enfermarias, a duplicação da carga horária em busca de melhor salário, isolamento social devido ao cansaço, violência no ambiente de trabalho, a falta de tolerância aos erros, entre outros aspectos, faz com que o profissional de enfermagem entre em um quadro de estresse total e, portanto, desenvolva a síndrome de Burnout (SILVA et al. 2015).

### 3.6 A batalha histórica da enfermagem

A sociedade é mediada pela luta simbólica ou literal, obscuro ou clara, desolação ou luz. Muitas vezes essas lutas são travadas em busca de poder, reconhecimento e/ou riqueza material em diferentes aspectos da vida como política, economia, religião, valores e segunda linhagem. Na verdade, eles estão sempre presentes na sociedade tanto a nível individual como coletivo, de forma velada ou aberta (PORTO, 2020).

A relação entre o número de homens e mulheres na profissão de enfermagem foi mensurada e atualizada em 2013. Os resultados mostram que 86,2% dos profissionais de enfermagem cadastrados no sistema do Conselho Regional de Enfermagem (COREN) são mulheres. Esta pesquisa abrangeu 1.804.535 profissionais de enfermagem, dos quais 414.712 estavam inscritos com curso superior (PERSEGONA; OLIVEIRA; PANTOJA, 2016).

No contexto do mundo do trabalho da enfermagem, é importante compreender as questões que envolvem as relações de poder, as lutas de classe e de gênero. O termo empoderamento é um conceito complexo, que perpassa os campos da democracia, da participação política e da deliberação. Em relação à população feminina, o empoderamento envolve uma transformação de valores e posições culturais na sociedade (FRIEDRICH; ALVES, 2017).

Nos últimos anos houve uma deterioração das condições de trabalho na saúde e na enfermagem no Brasil, fortemente influenciada pela política neoliberal. O setor de serviços tem sido sufocado por um intenso enxugamento de recursos materiais e uma escassez qualitativa e quantitativa de profissionais. Isso tem apresentado relações de trabalho fragilizadas, levando a

baixos salários e perda de direitos trabalhistas (SOUZA; GONÇALVES; PIRES, 2017; PROGIANTI; PRATA; BARBOSA, 2015).

É crescente a preocupação com a precarização dos serviços da enfermagem, visto que interfere diretamente na saúde do profissional. Essa precariedade resulta em sofrimento psicofísico para o trabalhador, além de comprometer a qualidade e a segurança da assistência. Não se pode ignorar que esse processo impacta o grupo de trabalhadores ao comprometer o valor social, a organização e o poder político de determinada categoria profissional (MOROSINI, 2016).

Os trabalhadores têm dificuldade em encontrar ferramentas e estratégias de organização social para enfrentar essa situação. Ressalta-se a necessidade da união de diferentes áreas e saberes, como meios científicos, sindicatos, associações, para impor o respeito aos direitos fundamentais dos trabalhadores contra a dominação econômica (THEBAUD, 2011; DRUCK, 2011).

Na divisão sexual do trabalho persistem a discriminação e a violência simbólica, especialmente contra as mulheres. A profissão de enfermagem é eminentemente feminina, com um objeto de trabalho – o cuidado – que remete ao âmbito doméstico. Num contraponto sintético, destaca-se que a profissão médica, que representa o universo masculino e um trabalho intelectual, detém grande poder (LOMBARDI, 2017).

Estudo sobre o tema entre trabalhadores dessa categoria profissional constatou que eles vêm de classes econômicas menos favorecidas, com predominância de negros e pardos. Contextos socioeconômicos e culturais desfavoráveis evidenciam-se no empoderamento da categoria frente às lutas políticas por melhores condições de trabalho (MACHADO et al. 2016).

Gênero é entendido como um meio de classificar fenômenos, distinções socialmente aceitas, mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes a um grupo. Gênero é tomado como sinônimo de “mulheres” em pesquisas e publicações, uma simplificação e superficialização de um conceito complexo (DUARTE; FONSECA; PENA, 2015).

As questões de gênero envolvem uma percepção econômica, política, social e historicamente construída. São questões que englobam as diferenças de papéis, estatutos, responsabilidades e lugares na sociedade. Homens e mulheres diferem nos comportamentos e atitudes característicos, no estabelecimento de regras e configuração do lugar social que cada sujeito ou grupo ocupa (LOMBARDI, 2017).

O trabalho das mulheres, historicamente, é subalternizado e desvalorizado, pois se trata de uma atividade não remunerada, vista como algo inferior. A desigualdade de gênero tem profundas raízes culturais, políticas e econômicas que precisam ser combatidas. É preciso que

as mulheres se conscientizem de sua igualdade e lutem por direitos iguais, pois o exercício destas representaria um grande passo em direção à igualdade de gênero (NASCIMENTO, 2015; BRASIL, 2015).

A enfermagem está repleta de imagens estereotipadas. Equívocos originários da história da profissão, mas sobrevive até hoje. A falta de reconhecimento e valorização não é enfrentada com importância desde a aprendizagem; para mudar esse contexto deve-se edificar um coletivo importante e batalhar pela questão (NASCIMENTO, 2015).

A valorização da enfermagem intervém diretamente em sua atuação profissional, devido à baixa valorização e aceitação social. Portanto, com o salário baixo e as condições de trabalho inadequadas, gera-se insatisfação e desmotivação no trabalho, prejudicando a qualidade da assistência e a saúde profissional (LESSA; ARAÚJO, 2013).

O reduzido número de mulheres nos espaços de poder e decisão continua marcado pelo poder simbólico. Apesar das transformações ocorridas no mundo contemporâneo, estas são insuficientes para assegurar um nível igualitário de participação entre homens e mulheres (NASCIMENTO, 2015; BRASIL, 2015).

O grau de desenvolvimento do país influencia diretamente nessa inserção. Destaca-se ainda, como gênese da baixa participação feminina nas dimensões políticas e nos espaços de poder, uma correspondência direta entre o desenvolvimento socioeconômico e a participação política feminina. É preciso refletir, entretanto, sobre os aspectos culturais presentes em diferentes regiões e localidades para compreender a imagem que as mulheres têm de si mesmas (BRASIL, 2015).

As enfermeiras têm o dobro de horas envolvidas no trabalho doméstico, familiar e de cuidados infantis, isso exige muita carga de trabalho para ser concluída. Uma das justificativas para os múltiplos vínculos empregatícios são os baixos salários. Com a fragilidade das obrigações somadas aos baixos salários, não há garantia de previdência social (ALVIM; ROCHA; TADEU, 2016).

Ao analisar a profissão de enfermagem deve-se considerar que o modelo biomédico e a lógica da organização capitalista do trabalho levaram à fragmentação do corpo, divisão do trabalho e hierarquia do trabalho. A profissão de enfermagem se opõe a esse modelo, preconizando uma visão holística do ser humano e a interdisciplinaridade essencial para assegurar uma assistência integral e efetiva. Assim, reconhecem-se os conflitos entre os princípios da enfermagem e outras profissões, a sociedade e os empresários e as relações de poder daí decorrentes (FRANÇA et al. 2012).

A enfermagem desempenha um papel fundamental na estruturação, evolução, implementação e organização dos processos de cuidados de saúde, porém muitas vezes eles não são aceitos pela sociedade. Esse fato pode ser amplificado pela divisão social e técnica da equipe de saúde, composta por profissionais de diferentes horizontes e funções, o que dificulta a delimitação de atribuições e papéis profissionais pela sociedade (FRANÇA et al. 2012).

Ao longo dos anos, a profissão de enfermagem avançou na busca de espaços de atuação e se elevou como ciência e pesquisa, mas pouco evoluiu em termos de reconhecimento social. O objeto de trabalho da profissão é o cuidado que não é exclusivo, definido e claro aos olhos da sociedade, prejudicando o reforço da identificação profissional do valor do enfermeiro. Na assistência de enfermagem, geralmente são discutidas formas de abordar a questão no campo do trabalho, mas não para estimular a participação nas lutas políticas (AMORIM et al. 2017).

O profissional despolitizado não compreende as relações de poder que permeiam os ambientes sociais; a ação política é fundamental e mobiliza transformações coletivas no mundo do trabalho. Organizar-se politicamente permite ampliar o papel social do enfermeiro, no entanto, nos ambientes de ensino, há pouco incentivo à participação política dos alunos (ALVIM; ROCHA; TADEU, 2016).

### 3.7 Como combater a violência contra profissionais de enfermagem?

Há pouco tempo o sistema público de saúde no Brasil desenvolveu diretrizes que abordam aspectos significativos como: carga de trabalho, riscos laborais, falta de dispositivos de proteção, infraestrutura de trabalho deficiente e outros problemas que levam as organizações de saúde pública a um atendimento deficiente e, conseqüentemente, dos funcionários. Ressalta-se que a atuação do profissional depende da manutenção da sua própria saúde (DIAS et al. 2016).

Os políticos têm um papel significativo a desempenhar no enfrentamento da violência contra profissionais de enfermagem no Brasil. A criação de políticas públicas voltadas à prevenção da violência e à punição dos agressores é fundamental para garantir um ambiente de trabalho seguro e saudável aos profissionais de enfermagem (SCARANCA, 2019).

As políticas públicas devem incentivar a valorização dos profissionais de enfermagem, investindo em salários justos e em programas de reconhecimento, investir na educação dos profissionais, oferecendo treinamentos contínuos para que eles possam atualizar seus conhecimentos. Criar cronogramas específicos como campanhas de prevenção de doenças, programas de saúde mental e de promoção da qualidade de vida (ENFERMAGEM, 2023).

E se, por um lado, o aumento da violência na saúde aponta para a necessidade de aprender e entender esse fenômeno, para identificar os agressores e a origem da violência, por outro, é preciso elaborar táticas mais efetivas a partir do ponto de vista técnico e organizacional (WANG et al. 2021).

Os profissionais de enfermagem têm o direito de trabalhar em um ambiente seguro e protegido, e o empregador tem a responsabilidade de tomar medidas para reduzir ou erradicar o risco de violência no local de trabalho. Se o patrão não tomar as normas adequadas para assegurar seus funcionários, poderá ser incriminado por qualquer prejuízo ou dano sofrido pelo profissional de enfermagem (ENFERMAGEM, 2023).

Alguns autores propõem outras medidas de segurança intimamente ligadas ao monitoramento e combate à violência no trabalho contra os profissionais de saúde; impedir a entrada de pessoas armadas nos hospitais, contratar seguranças profissionais para os portões, estabelecer um protocolo sistemático de registro das formas de violência no ambiente de trabalho e formar uma comissão multidisciplinar para implementar um programa de prevenção da violência no ambiente hospitalar, com base nas diretrizes da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) (SCARAMAL et al. 2017).

Se um enfermeiro for vítima de uma agressão no trabalho, deve informar instantaneamente o seu empregador e procurar ajuda médica, se necessário. Além disso, ele pode buscar aconselhamento judicial e indenização pelos danos causados, incluindo lesões físicas e mentais, despesas médicas, prejuízo de salários e outros encargos relacionados à violência (ENFERMAGEM, 2023).

Nota-se que nem todas as instituições estão preparadas para investir em meios para impedir ou minimizar o processo de exposição laboral e adoecimento dos profissionais, nem em ações que promovam a qualidade de vida no trabalho. Conseqüentemente, é essencial promover uma mudança de postura em prol da vigilância em saúde ocupacional, tendo em vista o impacto na saúde do profissional, os ônus sociais e econômicos decorrentes do absenteísmo, licenças médicas e a degradação da qualidade do trabalho (LI et al. 2021; MORPHET et al. 2019).

De fato, para promover uma melhor qualidade de vida no trabalho e eficiência na prestação de cuidados de saúde, é fundamental: investigar as necessidades psicossociais dos profissionais de saúde para diminuir os conflitos interpessoais e organizacionais; desenvolver competências destes profissionais e competências na gestão e prevenção de conflitos para impedir situações de violência no trabalho promovendo políticas efetivas de tolerância zero nos

estabelecimentos de saúde para todas as condutas violentas (ASANTE et al. 2019; SUREDA et al. 2019).

Conforme previsto no artigo 7º da Lei nº 8.080/90, a lei regulamenta diversas obrigações a serem cumpridas pelos empregadores, a fim de promover a saúde dos trabalhadores, como a realização de exames médicos, a fiscalização de condições de trabalho e o fornecimento de equipamentos de proteção individual. Além disso, é previsto o direito das entidades sindicais de requerer ao órgão competente a interdição de máquinas, setores ou áreas nos quais haja exposição a riscos iminentes para a vida ou saúde dos trabalhadores (BRASIL, 1990).

Em 2002, a OIT informou que 25% de toda a violência no trabalho tem origem no setor da saúde, onde o traço de homicídio é baixo, mas o risco de agressão é considerável, destacando-se a violência exercida contra os profissionais de saúde por seus companheiros de trabalho (ANCALLI; COHAILA; MAQUERA, 2012).

### 3.8 Em busca de valorização

O enfrentamento de tempos difíceis, caracterizados por uma pandemia que assolou o mundo, fez com que a sociedade vivesse tempos de grande polarização partidária, fake News e infodemia. Um momento em que no ambiente de vida e trabalho da enfermagem, pilar do sistema de saúde brasileiro, se deu início a oportunidades de reflexões e ações (PÜSCHEL, 2022).

Em 2020, vivia-se uma das piores crises mundiais enfrentadas pelo setor da saúde devido à pandemia da Covid-19, neste contexto, foi celebrado o ano internacional dos profissionais de enfermagem, e eles mostraram toda sua força e importante papel e atuação na assistência, pesquisa e ensino; diferentes estratégias e inovações foram utilizadas por eles para aliviar o sofrimento dos pacientes. Apesar disso, segundo um estudo realizado pelo Cofen, mais de 1.400 casos de violência contra esses profissionais foram registrados nesse ano citado; essa violência que afeta a saúde física e mental daqueles que já enfrentavam estresse e sobrecarga constantes devido ao caos na saúde (SOUZA et al. 2021).

O ensino na presença de enfermeiros e técnicos de enfermagem foi interrompido pelas medidas restritivas, impostas pela Covid-19. No entanto, a tecnologia foi usada por professores de enfermagem de todo o país para ensinar e pesquisar, usando o ensino a distância emergencial. O importante trabalho da enfermagem em todas as áreas foi continuado e essa função começou a ser exaltada pelo mundo, mas ainda assim, durante esse período, o índice de profissionais com burnout, depressão, ansiedade patológica e síndrome do pânico foi alto (CAPELLARI et al. 2021; PÜSCHEL, 2022).



A enfermagem é uma ciência que se dedica ao cuidado e bem-estar do ser humano, em todos os seus aspectos. Ela faz parte das ciências da saúde e tem como base a promoção, a prevenção e a recuperação da saúde. A enfermagem reconhece que a saúde é um direito de todos e que depende da luta social e política. Por isso, os profissionais de enfermagem devem resistir e continuar com esperança, atuando nos diversos espaços profissionais, em parceria com associações, sindicatos e movimentos populares (ACIOLI; SILVA, 2022).

“O enfrentamento da COVID-19 pela categoria salvou milhares de vidas, mas também ceifou a de profissionais de Enfermagem que cuidavam delas. Isso precisa ser reconhecido e valorizado” (PÜSCHEL, 2022 p.2)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência no ambiente da saúde é um fenômeno complexo e multifacetado que afeta os profissionais de enfermagem em diferentes contextos e situações. A violência pode ser definida como qualquer ato ou comportamento que cause danos físico, psicológico ou moral a uma pessoa ou grupo, e no caso da enfermagem, podendo ser praticada por usuários, familiares, colegas, gestores ou outros profissionais de saúde. A violência contra esses profissionais pode ter graves consequências para a saúde e o bem-estar dos trabalhadores, além de comprometer a qualidade da assistência prestada aos pacientes e a segurança do ambiente de trabalho. Recomenda-se que as instituições de saúde se atentem a esses dados alarmantes referentes à violência sofrida pelas equipes de enfermagem.

Alguns fatores que podem contribuir para a ocorrência de violência são: a falta de informação dos usuários sobre os serviços de saúde, a sobrecarga de trabalho, a precarização das condições laborais, a hierarquia e o autoritarismo nas relações profissionais, a cultura da resiliência e da tolerância ao sofrimento, entre outros.

Diante desse cenário, é importante que os profissionais de enfermagem reconheçam as situações de violência que vivenciam ou testemunham no cotidiano de trabalho e busquem formas de prevenção e enfrentamento. Algumas estratégias possíveis são: denunciar os casos de violência às autoridades competentes, buscar apoio psicológico e jurídico, quando necessário, participar de atividades de educação permanente sobre o tema, fortalecer o trabalho em equipe e o diálogo com os usuários e os demais profissionais de saúde.

Os tipos de violência mencionados nesta pesquisa, são um problema social que exige uma abordagem multidisciplinar e intersetorial, envolvendo os gestores, os trabalhadores, os usuários e a sociedade em geral. É preciso promover uma cultura de respeito aos direitos

humanos e à dignidade dos profissionais de enfermagem, valorizando o seu papel essencial na promoção da saúde e na defesa da vida.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, C.: **Imagens que não afetam: questões de gênero no ensino de arte desde a perspectiva crítica feminista e da cultura visual**. ANPAP, Rio Grande do Sul, p. 3927- 3942. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3gkINUb>. Acesso em: 27 out. 2022.
- ACIOLI, S.; SILVA, F. V.: **Primeira lição aprendida: a enfermagem é saúde, saúde é democracia, e o direito à saúde é conquista da luta social e política!** In: Associação Brasileira de Enfermagem. 83a Semana Brasileira de Enfermagem. A enfermagem no contexto pandêmico pela COVID-19: que lições aprendemos? Brasília: Caderno de Dicas; 2022. p. 1-7. [online]. Disponível em: [https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2022/04/83SBEn\\_CADERNO\\_dicas.pdf](https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2022/04/83SBEn_CADERNO_dicas.pdf). Acesso em: 06 set. 2023.
- ACOSTA, A. M.; DURO, C. L. M.; LIMA, M. A. D. S.: **Atividades do enfermeiro nos sistemas de triagem/classificação de risco nos serviços de urgência: revisão integrativa**. **Revista Gaúcha de Enfermagem** [online]. 2012, v. 33, n. 4, pp. 181-190. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000400023>. Acesso em: 6 nov. 2022.
- ADMINISTRAÇÃO DE SEGURANÇA E SAÚDE OCUPACIONAL (OSHA): **Diretrizes para a Prevenção da Violência no Trabalho para Profissionais de Saúde e Serviço Social**. Estados Unidos da América, 2015. Disponível em: <https://www.osha.gov/Publications/osha3148.pdf> . Acesso em: 01 nov. 2022.
- ALMEIDA N.R., FILHO J.G.F., MARQUES L.A: **Análise da produção científica sobre a violência no trabalho em serviços hospitalares**. **Revista Brasileira Medicina Trabalho**, 2017. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbmt.org.br/pdf/v15n1a12.pdf//> - Acesso em: 12 dez. 2022.
- ALMEIDA, N. R. D. (2016): **Violência no trabalho na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados nas emergências de referência para causas externas** (Publicação n. ° 21577) [Mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21577/1/2016\\_dis\\_nralmeida.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21577/1/2016_dis_nralmeida.pdf). Acesso em: 19 nov. 2022
- ALVES, A. et al.: **Depressão entre profissionais de enfermagem no contexto hospitalar: uma revisão de literatura**, [s. l.], 2019. Disponível em: [https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190805\\_073050.pdf](https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190805_073050.pdf). Acesso em: 1 mai. 2023.
- ALVIM, A. L. S.; ROCHA, R. L. P.; TADEU, T. C. A.: **Percepção da enfermagem em relação ao Conselho Regional de sua categoria**. **Rev Enferm UFPE On Line**. 2016;10 Supl.1:316-24. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5205/reuol.7901-80479-1-SP.1001sup201717>. Acesso em: 08 mai. 2023
- AMORIM, et al.: **Violência no trabalho na perspectiva de profissionais de enfermagem: Percepção dos profissionais de enfermagem sobre a violência no trabalho**. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [S. l.], v. 95, n. 34, p. e-021067, 2021. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1068>. Acesso em: 26 out. 2022.

AMORIM, L.K.A. et al.: **O trabalho do enfermeiro: reconhecimento e valorização profissional na visão do usuário**. Rev Enferm UFPE On line. 2017;11(5):1918-25. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5205/reuol.11077-98857-1-SM.11052017> . Acesso em: 07 mai. 2023

ANCALLI, C. F.; COHAILA, G.; MAQUERA, A. J. (2012): **Agressões a profissionais de saúde em Tacna, Peru** [online]. **Revista peruana de medicina experimental y salud publica**, 29(3), 415–416. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1726-46342012000300022>. Acesso em: 10 mai. 2023.

ASANTE, J. O. et al.: **A relação Relação entre fatores de risco psicossociais, burnout e qualidade de vida entre trabalhadores dos cuidados de saúde primários na província rural de Guangdong**: um estudo transversal. BMC Investigação em serviços de saúde [online]19:447 (2019) 1-10. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12913-019-4278-8>. ISSN 1472-6963. Acesso em: 25 mai. 2023

BAPTISTA, P. C. P.: **Violência no trabalho: guia de prevenção para os profissionais de enfermagem** – São Paulo: Coren-SP, 2017. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/PDF-site-2.pdf>. Acesso em: 23 set. 2022.

BAPTISTA, P. C. P.; FREITAS, G. F. HAGOPIAN, E. M.: **Assédio moral no trabalho em enfermagem**. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 31, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/16588>. Acesso em: 23 out. 2022.

BARBOSA, K. K. S. et al.: **Sintomas depressivos e ideação suicida em enfermeiros e médicos da assistência hospitalar**. [s. l.], 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reufsm/article/view/5910/pdf>. Acesso em: 10 mai. 2023.

BARRENECHEA L.I. et al.: **Percepção dos enfermeiros sobre a violência contra crianças e adolescentes praticada pelo companheiro em enfermaria pediátrica**. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0495>. Acesso em:12 de mai. 2023.

BARRETO, M. HELOANI, R.: **Violência, saúde e trabalho: a intolerância e o assédio moral nas relações laborais**. **Serviço Social & Sociedade** [online]. 2015, v. 00, n. 123, pp. 544-561. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.036>>. ISSN 2317-6318. Acesso em: 14 out. 2022.

BARRETO, T. C. A.: **O assédio moral no ambiente laboral como desencadeador da síndrome de Burnout**. **Conteúdo Jurídico, Brasília-DF**: 23 nov. 2022, 04:40. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/60175/o-assdio-moral-no-ambiente-laboral-como-desencadeador-da-sndrome-de-burnout>. Acesso em: 18 mai. 2023.

BERNARDES, M. L. G.et al. **Violência laboral entre trabalhadores de enfermagem**,[online], 2020. Disponível em: <https://www.rbmt.org.br/details/1543/pt-BR/violencia-laboral-entre-trabalhadores-de-enfermagem>. Acesso em: 11 jan. 2023.

BORDIGNON, M; MONTEIRO, M. I.: **Violência no trabalho da enfermagem: um olhar às consequências**. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2016, v. 69, n. 5, pp. 996-999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0133>>. ISSN 1984-0446. Acesso em: 30 set. 2022.

BRASIL F. P. D.; REIS G.G.: **Democracia, participação e inclusão política: um estudo sobre as conferências de políticas para as mulheres de Belo Horizonte**. *Rev Serv Público* (Brasília). 2015;66(1):7-27. Disponível em: <https://doi.org/10.21874/rsp.v66i1.684>. Acesso em: 01 mai. 2023.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego, ASCOM. Cartilha Elaborada pela Subcomissão de Gênero com participação da Comissão de Ética do MTE: **Assédio Moral e Sexual no Trabalho**. Brasília – 2013. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/509899>. Acesso em: 14 out. 2022.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Notificação de violências interpessoais e autoprovocadas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017b, 22p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/notificacao\\_violencias\\_interpessoais\\_autoprovocadas.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/notificacao_violencias_interpessoais_autoprovocadas.pdf). Acesso em: 12 de mai. 2023.

BRILHANTE, A.P.C.R.; ARAÚJO, M.F.M.; ALMEIDA, N.R.: **Violência física e psicológica: realidade presente no cotidiano dos trabalhadores de enfermagem**. In: **Associação Brasileira de Enfermagem**; VALE, E.G.; PERUZZO, S.A.; FELLI, V.E.A. organizadores. PROENF Programa de Atualização em Enfermagem: Gestão: Ciclo 4. Porto Alegre: Artmed Pan-americana; 2014. P. 133-67 (Sistema de Educação Continuada a Distância, v.2).

BRIZOLA, J.; FANTIN, N.: **Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura**. *Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA, [S. l.]*, v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.30681/relva.v3i2.1738. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 5 nov. 2022.

CAIRO J. J.: **Curso de direito do trabalho**. 14. ed. Salvador: Ed. Juspodivm, 2018. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:redede.virtual.bibliotecas:livro:2018;001117194>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CAMPOS, A. S.: **Violência e Trabalho**. In: **René Mendes**. (Org.). *Patologia do trabalho*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Atheneu, 2002, v. 2. Disponível em: <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/temas/violencia-trabalho>. Acesso em: 21 out. 2022.

CAMPOS, A.: **Lei do assédio sexual completa 20 anos em 15 de maio**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/05/lei-do-assedio-sexual-completa-20-anos-em-15-de-mai>. Acesso em: 25 mai. 2023.

CAPELLARI, C. et al.: **Panorama brasileiro da formação de enfermeiros durante a pandemia de COVID-19**. *Rev. Bras. Enferm.* 2022;75(6): e20210923. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0923>. Acesso em: 09 mai. 2023.

CASTRO, A. R. S. (2013): **Cuidado de enfermagem a pacientes com comportamento agitado e/ou agressivo**. Acervo digital. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/34687>. Acesso em: 21 out. 2022

CERQUEIRA D, et al.: **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2022.

COFEN. **COREN-SP repudia violência cometida contra profissional de Enfermagem.** 28 jan. 2021. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/coren-sp-repudia-violencia-cometida-contra-profissional-de-enfermagem\\_84947.html](http://www.cofen.gov.br/coren-sp-repudia-violencia-cometida-contra-profissional-de-enfermagem_84947.html). Acesso em: 6 nov. 2022.

COFEN: **Levantamento evidencia violência contra profissionais de Enfermagem no DF,** 1 jul. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3GpCaJM> . Acesso em: 2 out. 2022.

COREN - SP. **In: Mais de 30% das mulheres da enfermagem relatam ter sofrido violência de gênero, como a sexual.** [S. l.], 4 nov. 2021. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/mais-de-30-das-mulheres-da-enfermagem-relatam-ter-sofrido-violencia-de-genero-como-a-sexual/>. Acesso em: 2 nov. 2022.

**COREN MG Cria comissão de prevenção e combate à violência contra profissionais,** COFEN, 2020. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/coren-mg-cria-comissao-de-prevencao-e-combate-a-violencia-contra-profissionais\\_77093.html](http://www.cofen.gov.br/coren-mg-cria-comissao-de-prevencao-e-combate-a-violencia-contra-profissionais_77093.html)>. Acesso em: 27 set. 2022.

CRUZ, N.P.S. et al.: **Vista do Preenchimento da ficha de notificação compulsória de violência interpessoal e autoprovocada: desafios enfrentados pelos profissionais de Saúde,** 2019. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/687/244>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

CUNHA, A. P.; SOUZA, E.; MELLO, R.: **Os fatores intrínsecos ao ambiente de trabalho como contribuintes da síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem. Revista online de pesquisa: Cuidado é fundamental.** 2012. Disponível em: [http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1716/pdf\\_507](http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1716/pdf_507). Acesso em: 9 mai. 2023.

DI MARTINO, V. 2002. **Violência no Trabalho no Setor da Saúde: Estudos de Caso de País, Brasil, Bulgária, Líbano, Portugal, África do Sul, Tailândia e um Estudo Adicional Australiano: Relatório de Síntese.** Genebra: OIT. Disponível em: [https://labordoc.ilo.org/permalink/41ILO\\_INST/1jaulmn/alma994982593402676](https://labordoc.ilo.org/permalink/41ILO_INST/1jaulmn/alma994982593402676) . Acesso em: 23 out. 2022.

DIAS, L. P. R. et al.: **Enfermagem no atendimento pré-hospitalar: papel, riscos ocupacionais e consequências.** Enfermagem no atendimento pré-hospitalar: papel, riscos ocupacionais e consequências, [s. l.], 2016. Disponível em: [https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume\\_9/Trabalho\\_13\\_R.pdf](https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_9/Trabalho_13_R.pdf). Acesso em: 12 abr. 2023.

DRUCK, G.: **Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?** Caderno CRH. 2011;24 (n.esp.1):37-57. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000400004>. Acesso em: 05 mai. 2023.

DUARTE B.A.R. et al.: **Vítimas de Violência: atendimento dos profissionais de enfermagem em atenção primária. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social,** 2019; Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/3760> . Acesso em: 20 de abr. 2023.

DUARTE, M.C. Et al.: **Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem: uma revisão.** *Rev. Bras. Enferm.* 2015;68(2):325-32. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680220i> . Acesso em: 15 mai. 2023.

ENFERMAGEM, S.: **Relatório de agressão contra profissionais de enfermagem**, 2023. Disponível em: <https://www.souenfermagem.com.br/noticias/relatorio-de-agressao-contraprofissionais-de-enfermagem/>. Acesso em: 19 mai. 2023.

FAIMAN, C. J. S. (2016): **A queixa de assédio moral no trabalho e a psicoterapia.** *Psicologia Em Estudo*, 21(1), 127-135. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i1.28311> . Acesso em: 25 mai. 2023.

FLÓRIDO, H. G, et al.: **Gestão do enfermeiro das situações de violência no trabalho na estratégia saúde da família.** *Texto & Contexto - Enfermagem* [online]. 2020, v. 29, e20180432. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0432/>. Acesso em: 23 out. 2022.

FONTANA, R. T.: **A violência no cotidiano de trabalho da enfermagem.** *Revista Vivências.* v. 16, n. 30, p. 99-114, jan. /jun. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/85-Texto% 20do% 20 Artigo-403-1-10-20191213.pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/85-Texto%20do%20Artigo-403-1-10-20191213.pdf). Acesso em: 07 out. 2022.

FRANÇA F. M. et al.: **Burnout e aspectos laborais nas equipes de enfermagem de dois hospitais de médio porte.** *Rev. Latino Am. Enfermagem.* 2012;20(5):961-70. Disponível em: » <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692012000500019> . Acesso em: 08 mai. 2023

FREITAS, et al.: **A violência contra os profissionais da enfermagem no setor de acolhimento com classificação de risco.** *Rev. Gaúcha Enfermagem.* Fortaleza (CE), v.38, n.03, p., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v38n3/0102-6933-rgenf-38-3-e62119.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2022.

FRIEDEL, F.; FARIAS, F.: **Violência e condição humana.** *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 231-245, dez. 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912015000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912015000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 out. 2022.

FRIEDRICH, D. B.; ALVES, F. D.: **O necessário empoderamento do cidadão à efetivação das políticas públicas no Brasil:** a contribuição do capital social à efetiva participação nos instrumentos democrático-participativo deliberativos. *Rev Direito Cidade.* 2017;9(2):725-53. Disponível em: »<http://dx.doi.org/10.12957/rdc.2017.26840>. Acesso em: 10 mai. 2023.

GALVÃO, E.: **A violência contra os profissionais de enfermagem** (online), 8 de mar. 2017. Disponível em: <https://multisaude.com.br/artigos/a-violencia-contr-os-profissionais-de-enfermagem/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

GOMES, R. S. M. et al.: **Transtornos depressivos em profissionais de saúde.** *Rev Med Saude Brasilia* 2015; 4(1):122-8 Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/5670/3797>. Acesso em: 11 de mai. 2023.



GONÇALVES, A. et al.: **Análise de situações de pacientes agressivos em unidade de terapia intensiva. Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 19, n. 3, set. 2014. ISSN 2176-9133. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/33403>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

GUERRA, A. S. et al. (2017): **A violência sofrida pelo enfermeiro no sistema de saúde**. International Nursing Congress: Theme: Good practices of nursing representations in the construction of society, da Universidade Tiradentes, Tiradentes, Minas Gerais, Brasil, 1. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=146600&pid=S1413-0394202100020000800011&lng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=146600&pid=S1413-0394202100020000800011&lng=en) . Acesso em: 25 mai. 2023.

GUIMARÃES, A. P. D. et al.: **Violência relacionada ao trabalho e apropriação da saúde do trabalhador: sofrimento anunciado no Sistema Único de Assistência Social**. Physis: **Revista de Saúde Coletiva** [online]. 2020, v. 30, n. 02, e 300224. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300224/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

HAGOPIAN, E. M.; FREITAS, G. F.: **Assédio moral nas vivências dos enfermeiros: perspectiva fenomenológica. Revista de Enfermagem UFPE online**, [S.l.], v. 13, jun. 2019. ISSN 1981-8963. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/239781/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

HAN, C. Y. et al.: **Violência no local de trabalho contra enfermeiras de emergência em Taiwan: um estudo fenomenográfico**. *Perspectiva de enfermagem* 65.4 (2017): 428-435. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jnu.12668>. ISSN 1547-5069. Acesso em: 19 nov. 2022

HASHIZUME C. M.: **Violência simbólica no trabalho: Considerações exploratórias sobre a nova ontologia do trabalhador na pós-modernidade. Revista Ambival**. 2014;2(4):137-147. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/3601>. Acesso em: 23 out. 2022.

HSIEH, H. F. et al.: **Associação entre componentes de resiliência e relacionados à violência no trabalho depressão entre enfermeiras do departamento de emergência em Taiwan: um estudo transversal**. *Journal of Clinical Nursing* [online]25:17 (2016) 2639-2647. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jocn.13309>. ISSN 0962-1067. Acesso em: 19 nov. 2022

JESUS, M. A. C. et al.: **Assédio Moral No Trabalho Hospitalar De Enfermagem- Rev. enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2016;. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2016.26437>. Acesso 19 ago. 2022.

BRASIL, 1990 - LEI Nº 8.080, DE 19 DE SETEMBRO DE 1990 - **Do sistema único de saúde**. 19 set. 1990. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm)>. Acesso em: 27 maio. 2023

LESSA, A. B. S. L.; ARAÚJO, C.N.V.: **A enfermagem brasileira: reflexão sobre sua atuação política. REME Rev Min Enferm**. 2013;17(2):474-80. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20130036> .Acesso em: 01 mai. 2023

LI, M. et al.: **Associações de estresse ocupacional, violência no local de trabalho e suporte organizacional em doenças crônicas síndrome da fadiga entre enfermeiros. Revista de**

**Enfermagem Avançada** [online]. 76:5 (2020)1151-1161. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jan.14312>. ISSN 1365-2648. Acesso em 25 mai. 2023

LIMA, G. H. A.; SOUSA.; S. M. A.: **Violência psicológica no trabalho da enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2015, v. 68, n. 5, pp. 817-823. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680508i/>. Acesso em: 18 out. 2022.

LIMA, M. P.; RIBEIRO, I. P. do N.; MUSSE, J. de O. S.: **Violência sofrida pelos enfermeiros nas instituições de saúde: uma revisão da literatura. Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 161, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/5171>. Acesso em: 25 mai. 2023.

LOMBARDI, M.R.: **Mulheres em carreiras de prestígio: conquistas e desafios à feminização. Cad Pesquisa**. 2017;47(163):10-4. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053144421>. Acesso em: 07 mai. 2023

LUCENA, P.L.C. et al.: **Produção científica sobre bullying e enfermagem no trabalho: a estudo bibliométrico. Revista Escola de Enfermagem USP**. 2018;52:e03354. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017029103354>. Acesso em: 18 out. 2022.

MACHADO L.S. et al.: **Agravos à saúde referidos pelos trabalhadores de enfermagem em um hospital público da Bahia. Rev Bras Enferm**. 2014; 67(5):684-91. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670503>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MACHADO, H.M. et al.: **Condições de trabalho da enfermagem. Enfermagem em Foco**, Brasília: COFEN, v. 7, especial, p. 63-76, 2016. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/695/305>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MACHADO, M. H. et al.: **Características gerais da enfermagem: o perfil sociodemográfico. Enferm Foco**. 2016; 7:9-14. Disponível em: <http://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.686>. Acesso em: 01 mai. 2023

MAGNUS, C. de N.; MERLO, A. R. C.: **Sofrimento-Prazer: Dinâmica do Trabalho de Profissionais de Saúde Mental de um Hospital Psiquiátrico Público**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Psico*, [S. l.], v. 43, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11695>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MANSUIDO, M.: **Como profissionais de saúde podem identificar e ajudar mulheres vítimas de violência**, 2020. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/como-profissionais-de-saude-podem-identificar-e-ajudar-mulheres-vitimas-de-violencia/>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

MARQUES, D.; SILVA, I.: **Violência no trabalho: um estudo com enfermeiros/as em hospitais portugueses. Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 17, n. 4, p. 226-234, dez. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198466572017000400007&ln=pt&nrm=iso/](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198466572017000400007&ln=pt&nrm=iso/). Acesso em: 16 out. 2022.

MARTINS, B.S.; PEREIRA, M. C.: **Violência Ocupacional em Enfermagem. Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 7, pág. e50910717246, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17246>. Acesso em: 24 mai. 2023.

MARTINS, F.Z; DALL'AGNOL, C.M.: **Centro cirúrgico: desafios e estratégias do enfermeiro nas atividades gerenciais. Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre (RS), v.3, n.4, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37n4/0102-6933-rgenf-1983-144720160456945.pdf>. Acesso em: 05 de out. 2022.

MELO, A.B.R. et al.: **Danos à saúde e qualidade de vida no trabalho de enfermeiros hospitalares: um estudo transversal. Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, p. e46505, 2020. ). Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/09/1120172/danos-a-saude-pt.pdf> Acesso em: 19 nov. 2022

MENDONÇA, C. S. et al.: **Violência na Atenção Primária em Saúde no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 6, p. 2247–2257, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5GyqvZVTTXQLnSbVwcZ6QvL/?lang=pt#>. Acesso em: 19 mai. 2023.

MENDONÇA, J. M. B. et al.: **Violências No Ambiente De Trabalho: Ponderações Teóricas. Psicologia & Sociedade [online]**. 2018, v. 30. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30176960/>. Acesso em: 30 set. 2022.

MIRANDA, L.V. R.; MONZALVO, H. G.; HERNÁNDEZ, C.B.: **Prevalência da síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem das instituições de saúde. Revista de Enfermería del Instituto Mexicano del Seguro Social**. 2016; 24(2):112-15 Disponível em: <https://www.medigraphic.com/pdfs/enfermeriamss/eim-2016/eim162g.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2023

MODENA, M. R.: **Conceitos e formas de Violência. Caxias do Sul, RS: EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul**, 2016. 176 p. Disponível em: [https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas\\_2.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf). Acesso em: 14 set. 2022.

MOREIRA, L. C. DE O.; BASTOS, P. R. H. DE O.: **Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 445–453, set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>. Acesso em: 07 de mai. 2023.

MOROSINI, M.V.G. C.: **Precarização do trabalho: particularidades no setor saúde brasileiro. Trab Educ Saúde**. 2016;14 Supl. 1:5-13. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00131>. Acesso em: 10 mai. 2023.

MORPHET, J. et al.: **Experiências de prevenção e gestão da violência no local de trabalho contra o pessoal de saúde: Um estudo exploratório descritivo. Revista de Gestão em Enfermagem [online]**. 27:4 (2019) 781-791. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jonm.12761>. ISSN 1365-2834. Acesso em: 12 abr. 2023.

MOTTA, F. C. P.: **O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos. Revista de Administração de Empresas [online]**. 2013, v. 27, n. 3, pp. 68.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901987000300010/>. Acesso em: 23 out. 2022.

NASCIMENTO, J. X.: **Políticas públicas e desigualdade de gênero na sociedade brasileira: considerações sobre os campos do trabalho, da política e da ciência.** Mediações. 2015. Disponível em: » <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2016v21n1p317> . Acesso em: 01 mai. 2023

NONNENMACHER, L. L. et al.: **Transtorno Mental em Profissionais de Enfermagem no Setor de Urgência e Emergência:** Revisão Sistemática da Literatura / Mental Disorder in Nursing Professionals at the Emergency Room: Systematic Literature Review. ID on line **Revista De Psicologia**, v. 13, n. 48, p. 120–132, 2019. Acesso em: 19 nov. 2022

OIT [ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO]: **Ambientes de Trabalho Seguros e Saudáveis Livre de Violência e Assédio.** Genebra: International Labour Office, 2020. Disponível em: [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/ed\\_protect/protrav/safework/documents/publication/wcms\\_751832.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/ed_protect/protrav/safework/documents/publication/wcms_751832.pdf). Acesso em: 19 nov. 2022

OLIVEIRA, A. D.: **Erotização da enfermagem: quebra de paradigmas ou exagero?** Goiás: SENAC, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/erotiza%C3%A7%C3%A3o-da-enfermagem-quebra-de->. Acesso em: 11 nov. 2022.

OLIVEIRA, D. M. et al.: **Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem.** *Rev Cuid.* 2019; 10(2): e631. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v10i2.631>. Acesso em: 07 mai. 2023.

OLIVEIRA, E. F. S. **Representação social da profissão enfermagem: reconhecimento e notoriedade.** Barueri (SP): Manole, 2018.

OLIVEIRA, K. K. D. et al.: **Impacto da implementação do acolhimento com classificação de risco para o trabalho dos profissionais de uma unidade de pronto atendimento.** *Revista Mineira de Enfermagem.* Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 149-157, mar. 2013. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-27622013000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622013000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS): **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Brasília, 2012. Disponível em: <https://opas.org.br/relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude-parte-2/>. Acesso em: 05 de out. 2022.

PAI S. I. C. S. et al.: **Violência física e psicológica perpetrada no trabalho em saúde.** Texto & Contexto - Enfermagem [online]. 2018, v. 27, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018002420016/>. Acesso em: 18 out. 2022.

PAULA, G. S. et al.: **Entrevista extraída do artigo, Violência relacionada ao trabalho na psiquiatria: percepção dos trabalhadores de enfermagem,** SMAD, *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 86-92, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762017000200005&lng=pt&nrm=iso/](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762017000200005&lng=pt&nrm=iso/). Acesso em: 19 nov. 2022.

PAVIANI, J.: **Conceitos e formas de violência**. In: MODERNA, R.M. Conceitos e formas de violência.ed.316.48. Caxias do Sul, RS: Educ., 2016, p. 8. Disponível em: [https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas\\_2.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf) . Acesso em: 05 out. 2022.

PEDRO, D.R.C. et al.: **Violência ocupacional na equipe de enfermagem: análise à luz do conhecimento produzido**. Saúde debate, Rio de Jan., v. 41, n. 113, p. 618-629, abr. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042017000200618 & script=sci\\_abstract & tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042017000200618 & script=sci_abstract & tlng=pt). Acesso em: 15 de out. 2022.

PEREIRA, A. S. L. S. et al.: **As crenças sobre a homossexualidade e preconceito contra homossexuais no ambiente de trabalho. Temas psicologia**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 2, pág. 563-575, jun. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2017000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 nov. 2022.

PEREIRA, C. A. R. et al.: **Estratégias institucionais de prevenção da violência no trabalho da enfermagem: uma revisão integrativa. Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2019, v. 72, n. 4 , pp. 1052-1060. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0687/>. Acesso em: 18 out. 2022.

PERSEGONA, M. F. M.; OLIVEIRA, E. S., PANTOJA, V. J. C.: **As características geopolíticas da enfermagem brasileira**. Divulg Saúde Debate [Internet]. 2016 [citado 2017 jul. 10]; 56:19-35. Disponível em: [http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/12/Divulga%C3%A7%C3%A3o\\_56\\_Cofen.pdf](http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/12/Divulga%C3%A7%C3%A3o_56_Cofen.pdf)»[http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/12/Divulga%C3%A7%C3%A3o\\_56\\_Cofen](http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/12/Divulga%C3%A7%C3%A3o_56_Cofen). Acesso em: 19 mai. 2023.

POIARES, R. I.; RIBEIRO, B. M.: **Representação social da enfermeira no Brasil contemporâneo. Revista Vernáculo**, [online], out. 2019. ISSN 2317-4021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/60611>>. Acesso em: 02 nov. 2022.

POLARO S.H.I. et al.: **Enfermeiras desafiando a violência no âmbito de atuação da Estratégia de Saúde da Família**. Texto & Contexto - Enfermagem, 2013; 22(4): Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000400009> . Acesso em: 20 de abr. 2023.

PORFÍRIO, F.: **Violência no Brasil**; Brasil Escola, 2023. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/violencia-no-brasil.htm>. Acesso em: 18 de mai. 2023.

PORTO K.B., et al.: **Sistematização da assistência de enfermagem no atendimento à mulher vítima de violência. Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 2020; 12(11): e4676. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e4676.2020>. Acesso em: 12 de mai. 2023.

PROGIANTI, J. M.; PRATA, J.A.; BARBOSA, P. M.: **A reestruturação produtiva na saúde: os efeitos da flexibilização nas maternidades do Programa Cegonha Carioca. Rev Enferm UERJ**. 2015;23(2):164-71. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2015.12540>. Acesso em: 20 mai. 2023.

PÜSCHEL, V. A.: **Valorização do trabalho da Enfermagem: sustentáculo do sistema de saúde brasileiro.** *Revista SOBECC*, [S. l.], v. 27, 2022. DOI: 10.5327/Z1414-442520222840. Disponível em: <https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/840>. Acesso em: 25 mai. 2023.

RAMOS, R. M.: **O que é violência de gênero e como se manifesta? O que é violência de gênero,** [online.], 21 set. 2020. Disponível em: <https://contee.org.br/o-que-e-violencia-de-genero-e-como-se-manifesta/>. Acesso em: 02 nov. 2022.

REISDORFER, N. et al.: **Suicídio na voz de profissionais de enfermagem e estratégias de intervenção diante do comportamento suicida.** *Revista de Enfermagem da UFSM*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 295–304, 2015. DOI: 10.5902/2179769216790. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/16790>. Acesso em: 25 mai. 2023.

ROBAZZI, M. L. C. et al. (2020): **Violência ocupacional antes e em tempos da pandemia da covid-19: ensaio teórico e reflexivo.** *Braz. J. Hea*. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/21872>. Acesso em: 19 nov. 2022

ROCHA, M.; SILVA, A; ASSIS, M.: **A prática da violência voltada aos profissionais da enfermagem.** *Revista Diálogos Interdisciplinares.* Revista Brazcubas, São Paulo, v.7, n.2, 2018. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/426/527>. Acesso em: 15 out. 2022.

RODRIGUES, L. M.: **Riscos Ocupacionais: Percepção de Profissionais de Enfermagem da Estratégia Saúde da Família em João Pessoa - PB.** *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, vol.16, 2012, pág. 325–317. Semantic Scholar). Disponível em: <https://doi.org/10.4034/RBCS.2012.16.03.07>. Acesso em: 04 out. 2022.

RODRÍGUEZ, V. A.; PARAVIC, T. M.: **Um modelo para pesquisar a violência no trabalho no setor da saúde.** *Revista Gaúcha de Enfermagem* [online]. 2013, v. 34, n. 1, pp. 196-200. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000100025/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

ROSA, L. G. F., et al. (2019): **Percepções e ações dos enfermeiros em relação ao racismo institucional na saúde pública.** *Rev. Enferm. UFSM*, 9(e-8). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/31131/pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022

SCARAMAL, D. A. et al.: **Violência física ocupacional em serviços de urgência e emergência hospitalares: percepções de trabalhadores de enfermagem.** *Reme: Rev. Min. Enferm.*, Belo Horizonte, v. 21, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20170034>. Acesso em 25 mai. 2023.

SCARANCA, V.: **Violência contra a mulher: um desafio para o Brasil.** In: BUENO, Samira. “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SERAFIM, A. C. et al.: **Riscos psicossociais e incapacidade do servidor público: um estudo de caso.** *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2012, v. 32, n. 3, pp. 686-705. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000300013>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SILVA A.T.C. et al.: **Violência no trabalho e sintomas depressivos em equipes de atenção primária à saúde: um estudo transversal no Brasil.** Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol 50, 1347–1355 (2015). Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00127-015-1039-9>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SILVA V.G.; RIBEIRO P.M.: **Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde.** Esc. Anna Nery, 2020; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0371>. Acesso em: 20 de abr. 2023.

SILVA, F. B.; SILVEIRA, E. F.; GEDRAT, D. C.: **Violência sofrida no trabalho: um estudo com profissionais do setor de urgência e emergência de um hospital do norte do Brasil.** Aletheia, vol. 54, n.º 2, dezembro de 2021, p. 67-81). Disponível em: <https://doi.org/10.29327/226091.54.2-7>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SILVA, I. V., AQUINO, E. M. L.; PINTO, I. C. M.: **Violência no trabalho em saúde: a experiência de servidores estaduais da saúde no Estado da Bahia, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública [online]. 2014, v. 30, n. 10, pp. 2112-2122. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00146713>>. ISSN 1678-4464. Acesso em: 28 out. 2022

SILVA, R. N. S. et al.: **Síndrome de burnout em profissionais da enfermagem** [s. l.], 2015. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/saudeemfoco/article/view/896>. Acesso em: 9 mai. 2023.

SILVA. A.; CERIBELLI C.: **O papel do enfermeiro frente a violência infantil na atenção primária.** Revista Eletrônica Acervo Enfermagem. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reaenf.e5001.2021>. Acesso em: 20 de abr. 2023.

SIPOLI, M. P.: **Violência De Gênero No Ambiente De Trabalho.** Violência de gênero no mercado de trabalho, [online.], 6 dez. 2021. Disponível em: <http://www.scalassara.com.br/blog/61429-violencia+de+genero+no+ambiente+de+trabalho>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SOUSA, et al.: **Assédio sexual sofrido por profissionais de enfermagem em instituições de saúde** 2021. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 10, n. 9, pág 2. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17582>. Acesso em: 9 set. 2022.

SOUZA, A. A. M.; COSTA, W. A.; GURGEL, A. K. C.: **Aspectos relacionados à ocorrência de violência ocupacional nos setores de urgência de um hospital.** Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, v. 6, n. 2, p.637-650, abr-jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3158/pdf1257/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SOUZA, C.; MOREIRA, V.: **Tristeza, depressão e suicídio melancólico: a relação com o outro.** Rev. Arquivos brasileiros de psicologia; Rio de Jan. 70 (2): 173-185. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v70n2/13.pdf>. Acesso em: 19 de mai. 2023.

SOUZA, N. V. D. O. et al.: **Trabalho de enfermagem na pandemia da covid-19 e repercussões para a saúde mental dos trabalhadores.** Rev Gaúcha Enferm. 2021;42(esp): e20200225. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200225>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SOUZA, N. V. et al.: **Influências neoliberais no processo e organização do trabalho hospitalar de enfermagem.** *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2017;70(5):912-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0092>.

SOUZA, S. R. C. et al.: **Cargas de trabalho de enfermagem em unidade de internação psiquiátrica e a saúde do trabalhador.** *Revista Enfermagem UERJ*, [S.l.], v. 23, n. 5, p. 633-638, nov. 2015. ISSN 2764-6149. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/19563>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

SUREDA, E.; MANCHO, J.; SESÉ, A.: **Fatores de risco psicossociais, conflito organizacional e satisfação em profissionais de saúde: A SEM model.** *Anais de psicologia [online]*35:1 (2019) 106-115. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.35.1.297711>. ISSN 1695-2294. Acesso em: 02 abr. 2023.

TELES, C.: **Violência laboral: um estudo entre as legislações brasileira e Argentina.** *JUS.COM*, [S. l.], p. 1 -1, 28 fev. 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/64454/violencia-laboral-um-estudo-entre-as-legislacoes-brasileira-e-argentina>. Acesso em: 13 set. 2022.

THEBAUD, M. A.: **Precarização social do trabalho e resistências para a (re) conquista dos direitos dos trabalhadores na França.** *Caderno CRH*. 2011;24(n.esp.1):23-35. Disponível em: » <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000400003> . Acesso em: 01 mai. 2023.

TRINDADE, L. L. et al. (2019): **Agressão verbal no trabalho da enfermagem na área hospitalar.** *Rev. Eletr.Enferm.*, 21. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v21.54333>. Acesso em: 19 nov. 2022

TSUKAMOTO, S. A. S. et al. (2019): **Violência ocupacional na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados.** *Acta Paul. Enferm.*, 32(4). Disponível em:<https://www.scielo.br/j/ape/a/T6hqPLG7hR7SRQy4jNzM4vc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. **Tipos de revisão de literatura.** Botucatu- SP, 2015, Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/home/biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf/>. Acesso em: 05 nov. 2022

VASCONCELLOS, I. R. R. et al.: **Violência no cotidiano de trabalho de enfermagem hospitalar.** *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 25, n. esp. 2, p. 40-47, 2012. Disponível em:[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/36129/MarciaLisboa\\_LuciaRotenberg\\_RosaneGriep\\_etal\\_IOC\\_2012.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/36129/MarciaLisboa_LuciaRotenberg_RosaneGriep_etal_IOC_2012.pdf?sequence=2&isAllowed=y) . Acesso em: 25 mai. 2023.

VASCONCELLOS, I. R. R.; ABREU, A. M. M.; MAIA, E. L.: **Violência ocupacional sofrida pelos profissionais de enfermagem do serviço de pronto atendimento hospitalar.** *Revista Gaúcha de Enfermagem* [online]. 2012, v. 33, n. 2, pp. 167-175. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000200024/>. Acesso em: 28 out. 2022.



VIEIRA, G. L. C: **Agressão física contra técnicos de enfermagem em hospitais psiquiátricos.** *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional* [online]. 2017, v. 42. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000004216//>. Acesso em: 12 dez. 2022.

VITIRITTI, B.; ANDRADE, S. M. O.; PERES, J. E. C.: **Diversidade sexual e relações profissionais: concepções de médicos e enfermeiros.** *Temas psicologia, Ribeirão Preto*, v. 24, n. 4, p. 1389-1405, dez. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2016000400011&lng=pt&nrm=iso//](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000400011&lng=pt&nrm=iso//). Acesso em: 19 nov. 2022.

WANG, N. et al.: **Violência no trabalho em hospitais municipais no leste da China: fatores de risco e atitudes hospitalares.** *Diário de Violência Interpessoal*, 36:9-10 (2021) 4916-4926. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0886260518792242>. ISSN 1552-6518. Acesso em: 08 mai. 2023